

**esec**

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO**



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

**Departamento de Educação**

**Mestrado em Didática da Língua Portuguesa**

**A formação de palavras:**

**análise de gramáticas do 3º e 4º anos**

**Maria de Lurdes da Conceição Trindade**

**Coimbra**

**2013**



**esec**

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Didática da Língua Portuguesa

A formação de palavras:

análise de gramáticas do 3º e 4º anos

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora  
Lola Geraldês Xavier

**Maria de Lurdes da Conceição Trindade**

Coimbra

Outubro, 2013



## **Agradecimentos**

Deixo aqui uma palavra de agradecimento a todos os que me ajudaram, que me incentivaram nos momentos mais difíceis e que de várias formas contribuíram para que eu terminasse o trabalho.

Agradeço à minha orientadora, Doutora Lola Geraldine Xavier, que aceitou orientar este trabalho, mostrando sempre disponibilidade, conhecimentos e muita ajuda. Sem o seu apoio nada se teria tornado realidade.

À minha família por me ter sempre incentivado neste percurso, assim como a alguns colegas e amigos(as) especiais que nunca me deixaram desistir. A todos, sem exceção, fica aqui o meu muito obrigada.



## **Resumo**

Ao longo dos tempos muito se tem escrito sobre a origem das primeiras gramáticas e sobre o que estas abordavam inicialmente. De um modo geral, todos os autores afirmam que o seu estudo formal começou com os gregos.

Na língua portuguesa, os estudos apontam para a elaboração das primeiras gramáticas do português no século XVI. Depois destas, muitas outras se elaboraram ao longo de quase cinco séculos, com novos conhecimentos, novas metodologias e novos formatos.

Perante o exposto, o nosso estudo teve como base a análise de sete gramáticas do 1º ciclo, direcionadas para o 3º e 4º anos, sobre o tema da formação de palavras, incidindo nos conteúdos e nas metodologias utilizadas.

A análise dos resultados permitiu que chegássemos à conclusão de que todas elas abordam os conteúdos que os alunos devem conhecer no final do 1º ciclo, que são: fazer a diferenciação entre palavra simples e complexa, a distinção entre radical e afixos e, por fim, distinguir prefixos de sufixos.

Apesar de todas tratarem dos mesmos assuntos, nem todas lhes dão a mesma relevância. Quanto à apresentação do tema, de um modo geral é pouco apelativo e a explicação deste é dada de uma forma teórica, com alguns exemplos. Alguns exercícios são muito simples e semelhantes para os anos de escolaridade a que se destinam.

De referir que todas as gramáticas analisadas se encontram de acordo com o Programa de Português do Ensino Básico, de 2009, e as Metas Curriculares de Português do Ensino Básico, de 2012, exceto uma, que foi editada em 2009, quando ainda não tinham sido definidas as Metas Curriculares.

**Palavras-chave:** Gramática, Formação de palavras, Derivação, Palavras compostas, Contextualização, Descoberta.

## **Abstract**

Throughout the ages much has been written about the origin of the first grammars and what they initially approached. In general, all the authors claim that their formal study began with the Greeks.

In Portuguese, the studies point to the development of the first grammars of the Portuguese in the sixteenth century. After these many others have developed over nearly five centuries, with new knowledge, new methodologies and new formats.

Given the above, our study was based on the analysis of seven grammars “1º CEB”, directed to the 3rd and 4th years, on the subject of word formation, focusing on content and the methodologies used.

The results allowed us to reach the conclusion that they all address the content that students should know at the end of the “1º CEB”, which are: to differentiate between simple word and complex, the distinction between radical and affixes, and finally, distinguish prefixes from suffixes.

Despite all deal with the same subjects, not all of them give the same importance. As for the presentation of the subject, is generally unappealing and explanation of this is given in a theoretical way, with some examples. Some exercises are very simple and similar to the years of schooling as intended.

Note that all grammars are analyzed according to the Portuguese Program of Basic Education (2009), Curriculum and Goals Portuguese Basic Education, ( 2012), except one, which was published in 2009 when they had not yet been defined the Curricular Goals.

Keywords: grammar, word formation, derivation, compound words, Context Discovery.



## **Índice Geral**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>9</b>
1.1. A origem das gramáticas.....	11
1.2. Síntese diacrónica do estudo da gramática nos programas de Português .....	14
1.3. A utilidade dos manuais de gramática.....	20
1.4. O português ao longo dos tempos.....	24
1.5. A formação de palavras.....	28
 <b>CAPÍTULO II- ANÁLISE DAS GRAMÁTICAS .....</b>	 <b>43</b>
2.1. Como é apresentado o tema em cada gramática.....	45
2.2. A explicação do tema em cada gramática.....	48
2.3. Tipo de exercícios observados nas gramáticas .....	55
2.4. Reflexão sobre as gramáticas analisadas.....	60
 <b>CONCLUSÃO .....</b>	 <b>75</b>
 <b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	 <b>83</b>
 <b>ANEXOS .....</b>	 <b>89</b>

## **Abreviaturas**

AEVNP – Agrupamento de Escolas de Vila Nova de Poiares

CEL – Conhecimento Explícito da Língua

CNEB – Currículo Nacional do Ensino Básico

DT – Dicionário Terminológico

NGP – Nomenclatura Gramatical Portuguesa

PNEP – Programa Nacional do Ensino do Português

PPEB – Programa de Português do Ensino Básico

TIC– Tecnologias de Informação e Comunicação

TLEBS – Terminologia Linguística para os Ensinos Básicos e Secundário

1º CEB – Primeiro Ciclo do Ensino Básico

A nossa língua comum foi construída por laços antigos,  
tão antigos que por vezes lhes perdemos o rasto.

Mia Couto



## **INTRODUÇÃO**



A gramática de uma língua é tradicionalmente constituída pela fonologia, pela morfologia, pela sintaxe e pela semântica. De um modo geral, o conhecimento que os falantes-ouvintes têm para usar a sua língua materna é uma competência linguística. A capacidade que os falantes têm em produzir e receber mensagens, adequando-as aos diferentes contextos de comunicação é uma competência comunicativa. A competência que um falante tem para refletir sobre a estrutura da gramática da língua que usa de modo intuitivo e espontâneo é o que se chama de capacidade metalinguística.

Seguindo as ideias anteriores podemos acrescentar que “no contexto educativo, o termo gramática tem uma aceção alargada, designando tanto o estudo do conhecimento intuitivo da língua que têm os falantes de uma dada comunidade como os princípios e regras que regulam o uso oral e escrito desse conhecimento” (Duarte, 2008: 17).

A constituição da gramática clássica como sistema de pensamento é uma herança dos gregos. A sua estrutura sistemática é alcançada pelos Alexandrinos, assumindo grande projeção. A divulgação da gramática faz-se através dos gramáticos romanos que estavam voltados para um pragmatismo que os levou a introduzir a gramática no plano de estudos da época imperial e que passou à Idade Média. Na Europa Ocidental, a gramática antiga, com a sua origem latina, servia de fundamento ao ensino de língua que sobrevivia no uso prático como língua universal da igreja Católica.

A nossa gramática escolar vive de uma aquisição que data do século XVI-XVII, apresentando três linhas orientadoras: o desejo de circunscrever a língua portuguesa aos modelos da latina, o esforço por demonstrar as relações da língua com a razão e a lógica e ainda a vontade de converter o português como língua de cultura. É assim que no século

XVI se elaboram as primeiras gramáticas do português, havendo um sinal de mudança na história da nossa língua.

As gramáticas não podem ser vistas como conceitos assumidos pelos seus autores, mas têm de ser abordadas como resultados de um contexto sociocultural. Por isso, ao longo dos tempos surgiram vários conceitos de gramática, assim como vários autores a darem importância ao estudo da gramática na sala de aula e outros defendendo que os alunos não precisam de estudar gramática, pois já possuem conhecimentos implícitos que foram adquirindo desde muito cedo.

Na realidade, antes de entrar na escola a criança já possui um certo domínio da gramática da sua língua materna, mas trata-se de um domínio inconsciente e adquirido de uma forma puramente estrutural. De acordo com esta linha de pensamento, Lola Xavier (2011: 33) afirma o seguinte: “os alunos quando entram no 1º CEB, já sabem gramática, já têm um conhecimento implícito da língua, o ensino da gramática não pode ser feito como se de algo de novo se tratasse.” Isto significa que é necessário ter em atenção a evolução linguística dos alunos.

Só mais tarde, devido ao ensino da gramática, a criança ganhará consciência do que anteriormente fazia de forma involuntária. A gramática irá assim ajudar a criança a atingir um nível de desenvolvimento linguístico superior que contribuirá para o seu desenvolvimento. Por isso, “a escola tem um papel determinante no alargamento do conhecimento intuitivo da língua de cada criança, na aprendizagem da leitura e da escrita e no desenvolvimento da sua consciência linguística até estádios superiores do conhecimento explícito” (Duarte, 2008: 10).

Com a entrada em vigor, no ano letivo 2011/ 2012, do Programa de Português do Ensino Básico há necessidade de rever as práticas



pedagógicas no ensino da gramática de forma a que estas” imponham um trabalho sobre gramática que façam do conhecimento explícito da língua um conjunto de saberes a que os alunos podem recorrer em contextos de uso diversificados (...)” (Costa et al., 2011: 11). Além do PPEB há a necessidade de estarmos atentos às Metas Curriculares de Português do Ensino Básico (2012). Aí foram respeitados os domínios existentes no PPEB, sendo substituído o conceito de Conhecimento Explícito da Língua por Gramática. Isto aconteceu porque:

Gramática é a designação internacionalmente conhecida do estudo dos factos e das estruturas linguísticas, comumente utilizada por alunos, pais e professores. A expressão “Conhecimento Explícito da Língua” é muitas vezes substituída pelo seu acrónimo (CEL), perdendo-se a essência do valor semântico da designação. Com o uso do termo Gramática, pretende-se o reforço e a clarificação do estudo dos factos da língua e das normas que os regem (Buescu et al., 2012: 6).

Tendo em conta as mudanças que se verificaram ao longo dos tempos, sobre a aprendizagem da gramática e o uso de manuais de gramática, temos como propósito analisar sete gramáticas, para o 1º CEB, nomeadamente para o 3º e 4º anos. Analisaremos a parte correspondente à identificação dos processos de formação de palavras e procuraremos saber qual a relevância que as gramáticas ocupam na prática pedagógica dos docentes do 1º CEB do Agrupamento de Escolas de Vila Nova de Poiares. Este tema da formação de palavras foi escolhido por ser abordado ao longo dos 3º e 4º anos e por ser interessante para que os alunos compreendam os vários processos como

se podem formar as palavras, enriquecendo, desse modo, o léxico ativo e passivo.

Como ponto de partida deste trabalho formulámos as seguintes questões:

- Qual é a importância do uso das gramáticas na prática pedagógica dos docentes do Agrupamento de Escolas de Vila Nova de Poiares?

- Que preferências metodológicas são usadas pelos professores no ensino da gramática?

- Como é que cada manual de gramática analisado aborda didaticamente o tema da formação de palavras?

Perante estas questões, e de forma a darmos uma resposta coerente, enunciámos a questão fundamental:

- Qual é o interesse do uso de gramáticas em contexto escolar e como é que estas tratam o tema, a formação de palavras?

Para dar resposta a estas questões usou-se a seguinte metodologia: por um lado, realizámos um inquérito para todos os docentes do 1º CEB, do agrupamento referido, com o objetivo de saber qual a importância dada às gramáticas e quais as metodologias utilizadas para preparem as aulas de gramática. Por outro lado, efetuou-se uma grelha para analisar as gramáticas do tema selecionado, de modo a percebermos uma visão comparatística da abordagem do tema de formação de palavras.

Neste sentido, estruturámos este trabalho da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta uma fundamentação teórica sobre a origem das gramáticas, faz-se uma síntese diacrónica do estudo da gramática nos Programas de Português, averigua-se a utilidade dos manuais de gramática no ensino do Português ao longo dos tempos e sintetizam-se várias abordagens teóricas sobre a formação de palavras. No segundo

capítulo, analisam-se as respetivas gramáticas, nos seguintes aspetos: a explicação do tema em cada gramática, o tipo de exercícios observados nas gramáticas e a reflexão sobre as gramáticas analisadas.

Com este estudo esperamos contribuir para uma reflexão sobre as várias metodologias usadas na abordagem da formação de palavras, nas diferentes gramáticas analisadas. Pretendemos investigar qual a importância que as gramáticas possuem, no contexto escolar, por parte dos professores do Agrupamento de Escolas de Vila Nova de Poiares. Por fim, é nossa convicção de que no final deste estudo possamos concluir que apesar das várias abordagens ao estudo da gramática, existe a necessidade de conjugar os diferentes métodos, na elaboração de estratégias para as aulas de gramática.



## **CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**



### 1.1. A origem das gramáticas

A primeira gramática de que se tem notícia, é a de Paṇini, um gramático indiano, que escreveu uma gramática sânscrita, língua que faz parte do conjunto de vinte e três línguas oficiais da Índia, com uso litúrgico no hinduísmo, budismo e jainismo. Em relação à sua origem, a língua sânscrita é uma das línguas indo-europeias, pertencente, portanto, ao mesmo tronco linguístico de grande parte dos idiomas falados na Europa.

Contudo, aceita-se que o estudo formal da gramática tenha início com os gregos, pode mesmo dizer-se que “a gramática grega é o modelo ”arquetípico” de toda a arquitetura gramatical” (Buescu, 1978: 269). Partia-se de uma perspectiva filosófica que era típica dos gregos, no apreciar das diversas questões do conhecimento e da natureza, descobrindo desta forma, a estrutura da língua. Dionísio de Trácia, gramático grego (séc. II a. C.), escreveu a *Arte da Gramática*, obra que serviu de base para a gramática grega, latina e de outras línguas europeias até ao Renascimento. Os Romanos, com o advento do seu Império, receberam a tradição dos gregos. Podemos, assim, afirmar que toda a organização da gramática clássica é uma herança dos gregos. A sua construção e a sua estrutura sistemática é conseguida pelos Alexandrinos, tendo alcançado grande projeção através dos gramáticos romanos. Estes acabaram por introduzir a gramática no plano de estudos da época imperial, passando essa estrutura de ensino para a Idade Média. Sobre esta abordagem histórica, Maria Leonor Buescu (1978: 271) refere que na Europa Ocidental a gramática antiga com as suas origens latinas servia de suporte ao ensino da língua que sobrevivia ao seu uso prático,

considerada como língua da Igreja Universal do Ocidente, ou seja, da Igreja Católica.

Na língua portuguesa, é no século XVI que se elaboram as primeiras gramáticas do português. Sendo um indicador de mudança na história da nossa língua, isto não significa que esta passasse subitamente do seu estatuto de língua “vulgar” a ter os privilégios de língua de cultura. A sua evolução foi lenta e é só com o Renascimento que esta obtém uma etapa decisiva na sua história. É, pois, neste período que, à semelhança das nações neolatinas, “os maiores escritores portugueses da época redigem louvores da língua portuguesa e os gramáticos da língua fazem o mesmo, à sua maneira” (Teyssier, 1984: 135).

Em Portugal, ao se elaboram as primeiras gramáticas do português, no século XVI, dá-se um sinal de mudança na história da nossa língua. Aparece, assim, a primeira gramática conhecida, da autoria de Fernão de Oliveira, publicada em Lisboa, em 1536, com o título *Grammatica da linguagem portuguesa*. Entre 1539-1540, João de Barros publica a *Grammatica da língua portuguesa*. Estas gramáticas fornecem informações sobre a construção das palavras e das frases. Seguiram-se a estas, até ao século XIX, um número considerável de gramáticas normativas e de tratados de ortografia, como os de Duarte Nunes Leão e surgiram ainda dicionários e vocabulários.

Estas gramáticas seguiam o modelo greco-latino, apresentando-se como descritivas ou expositivas, ou seja, normativas. Perante este panorama, limitavam-se a apresentar uma norma de comportamento linguístico, de acordo com a sempre repetida definição “arte de falar e escrever corretamente”.

Sobre as obras que fizemos referência, anteriormente, Paul Teyssier (1984: 38) menciona que estas nos dão de vez em quando



informações valiosas relativas à história da nossa língua, quanto à lexicografia portuguesa. Este autor diz-nos, que o primeiro lexicógrafo foi Jerónimo Cardoso, o qual acaba por redigir dicionários de português-latim e de latim-português e escreve ainda a *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*. No ano de 1611, Agostinho Barbosa acaba por elaborar o dicionário de português-latim. Apesar de as gramáticas portuguesas surgirem no século XVI, há que referir que no século XII surge a *Cantiga da Ribeirinha*, o primeiro texto redigido inteiramente em português. Em 1290, D. Dinis, o Rei Trovador, funda, em Coimbra, a primeira universidade e torna obrigatório o uso da língua portuguesa nos documentos oficiais do reino.

Seguindo a linha de pensamento de Paul Teyssier (1984: 136), o gramático do século XVI encontra-se abandonado perante uma língua portuguesa em que subsiste a dificuldade de compreender o seu funcionamento, existindo por isso a tentação de seguir os modelos que este adquiriu do latim. Desta forma, estão reunidas todas as condições para que a gramática portuguesa decalque a latina. Este autor menciona que ao analisar os estudos dos gramáticos da Renascença, o seu estruturalismo não é o que existe hoje, porque nessa época instalou-se a tradição de que a gramática portuguesa deveria seguir os moldes da gramática latina. Esta tradição continua entre o século XVII e o século XIX com a gramática portuguesa a continuar a ser uma porta aberta para o ensino do latim.

No século XVIII, com o firme apoio do Marquês de Pombal, verificam-se progressos e impõe-se a importância da aprendizagem do Português nas escolas primárias. Os séculos XVII e XVIII foram, aliás, pródigos em reflexões filosóficas sobre a linguagem humana e as características universais das línguas. Podemos afirmar o seguinte:

No século XVII, quando a reforma pombalina põe em prática o preceito revolucionário, para a época e para o reino, do ensino da língua materna, prévio ao do latim, é a *Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa*, de Reis Lobato, publicada em 1770, que vem servir este propósito (Duarte, 2010: 11).

sendo esta única para cada língua. A gramática tem como finalidade orientar e regular o uso da língua. Como sintetizam Celso Cunha e Lindley Cintra, a “Língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma coletividade, a Língua é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age” (Cunha & Cintra, 1992: 1).

## **1.2. Síntese diacrónica do estudo da gramática nos programas de português**

Para verificarmos o interesse que a gramática tem tido nos Programas de Português, ao longo dos tempos, fizemos uma breve análise sobre como é que esta tem sido vista em contexto escolar, a que anos de escolaridade foi destinada, nos diversos Programas de Português, e as diferentes formas como o termo gramática foi abordado. Por isso, começámos a análise partindo do ano de 1921 até aos nossos dias.

Se prestarmos atenção à informação transmitida no artigo de Regina Duarte et al., “Programas de Língua Portuguesa: uma Visão Diacrónica,” podemos observar que, em 1921, nos Programas do Ensino Primário Geral, aparece uma alusão à gramática apenas a partir da 3ª classe. Neste

mesmo documento há uma chamada de atenção para o facto de a “análise gramatical lógica e etimológica ser realizada a partir da 2ª classe” (Duarte et al., 2008: 7).

Os conteúdos gramaticais sofrem apenas algumas alterações em 1960 (anexo I), seguindo a estrutura do Programa de 1921 e havendo modificações na parte gramatical em relação aos anos 20. Essas modificações a que podemos assistir no Programa de Língua Portuguesa estão relacionadas com a situação de os alunos no final da 4ª classe terem de dominar um número avultado de conteúdos gramaticais. Existiam instruções para que o percurso a seguir no ensino da gramática, nunca pudesse partir de definições “e nenhuma definição a que a experiência venha a conduzir será dada como fórmula invariável (...), bem como os seus domínios (com predomínio da Sintaxe) e conteúdos” (Duarte et al., 2008: 11). Nestas modificações introduzidas houve preocupação em dar relevo à sintaxe, verificando-se ainda um alerta, para que a língua fosse aprendida na sua dimensão funcional (anexo II).

Em 1968 são homologados e entraram em vigor os Programas do Ensino Primário. Aí verificam-se algumas alterações, nomeadamente na abordagem aos conteúdos linguísticos, aparecendo a “noção de sujeito e predicado mas apenas com verbos de ação, flexão pronominal e verbal, nome do predicativo do sujeito só com os verbos ser e estar e tempos compostos” (Duarte et al., 2008: 11). É nesta época que os detalhes são aprofundados, relativamente aos conteúdos a estudar, na parte da gramática.

Surpreendentemente, os Programas que se seguem surgem só no ano de 1978, quando a nossa sociedade tinha sofrido modificações em 1974, com a revolução do 25 de Abril. No que se refere ao Programa do Ensino Primário do ano de 1978, este apresenta-se com uma estrutura

claramente diferente das anteriores, sendo constituído por uma introdução em que se apresenta o trabalho realizado para a elaboração do novo documento orientador. Este divide-se em Objetivos Gerais do Ensino Primário, Objetivos Metodológicos, Objetivos Programáticos e Comportamentos Científicos: "Por este Programa perpassa já uma preocupação em delinear as "metas a atingir no final do Ensino Primário", em articulação com os vários graus de ensino" (Duarte et al., 2008: 12).

Dois anos depois, em 1980, o Programa de Língua Portuguesa fala de Funcionamento da Língua, "afastando assim a tendência para abordar língua como objeto de estudo que em muitos aspetos se afaste visivelmente de uma gramática feita de definições e aplicações de regras de funcionamento memorizadas" (Duarte et al., 2008: 15). Sendo, até à época, no aspeto gramatical, o Programa que deu mais contributos, pois este sugere como atividades os testes sintáticos ou a manipulação de dados, desenvolvendo assim a aprendizagem pela descoberta. Os autores do programa, sugerem que sejam usadas frases concretas para exemplificarem as atividades.

No ano de 1991 verifica-se uma revisão curricular dos programas do 1º ciclo, os quais passam a dar relevância à "língua materna como elemento mediador que permite a nossa identificação, comunicação com os outros e a descoberta e compreensão do mundo que nos rodeia" (Duarte et al., 2008: 16). São apresentados catorze objetivos gerais destacando-se os quatro seguintes: utilizar a língua como instrumento de aprendizagem e de planificação de atividades; produzir textos escritos com intenções comunicativas diversificadas; utilizar a leitura com finalidades diversas; descobrir aspetos fundamentais da estrutura e o funcionamento da língua, a partir de situações de uso. De referir, ainda,

que o programa passa a ser dividido em blocos, sendo o Bloco 3 o que se relaciona com o Funcionamento da língua, nome atribuído ao estudo da gramática, análise e reflexão: “que os alunos experimentem, explorem, funcional e ludicamente, várias formas diferentes de dizer as mesmas coisas” (Duarte et al., 2008: 16).

No seguimento do que mencionámos, anteriormente, o funcionamento da língua é orientado numa perspetiva funcional de análise e reflexão, só que não privilegia o domínio da metalinguagem, por isso não é de esperar que os alunos durante o 1º ciclo dominem a nomenclatura de todo o trabalho desenvolvido. Por sua vez, a “consolidação desse trabalho de memorização será realizado ao longo de todo o 2º ciclo do Ensino Básico” (Duarte et al., 2008: 16). De referir, ainda, que este bloco, relativo ao Funcionamento da Língua, se encontra destinado apenas ao 3º e 4º anos dirigidos pelo objetivo de “descobrir aspetos fundamentais da estrutura e do funcionamento da língua a partir de situações de uso” (Duarte et al., 2008: 16).

Em 2001, aparece o Currículo Nacional do Ensino Básico (CNEB). No que se refere à Língua Portuguesa, são estabelecidas metas, as quais terão de ser atingidas no final da educação básica, apresentando-se formas para existir uma operacionalização como disciplina transversal. Esta disciplina passa a ser dividida em função de cinco competências: compreensão oral, expressão oral, expressão escrita e o conhecimento explícito da língua (CEL). O CNEB apresenta as metas de desenvolvimento por ciclo de ensino e não por ano de escolaridade, para cada competência específica, havendo uma preocupação/insistência nas aprendizagens ao longo dos três ciclos.

A Nomenclatura Gramatical Portuguesa (NGP), que foi publicada em 1967, é revogada em 2004, com a publicação da Terminologia

Linguística para os Ensinos Básico e Secundários (TLEBS). Constata-se, como Ana Santiago & Sofia Paixão (2011: 19) referem, que as nomenclaturas terminológicas aparecem como uma lista de termos a utilizar em contexto de ensino, estando estas de acordo com as orientações curriculares. Como a existência de uma lista de termos não é suficiente para ser ensinada, tem cabido aos programas definirem os conteúdos a trabalhar e as competências a desenvolver.

No ano letivo 2006/2007, surge o Programa Nacional do Ensino do Português (PNEP), o qual foi concluído no ano letivo de 2009/2010. Este procurou melhorar o ensino da língua portuguesa no 1º ciclo do ensino básico, em especial nos níveis da compreensão da leitura e da expressão oral e escrita. Relacionado com este programa surgem várias brochuras com o intuito de ajudar os docentes na sua prática pedagógica. Tendo em conta o nosso trabalho, é de referir a importância do conhecimento explícito da língua, muito em especial as brochuras que se debruçam sobre: o desenvolvimento da consciência lexical, o desenvolvimento da consciência fonológica e desenvolvimento da consciência linguística. Nesta última, da autoria de Inês Duarte, faz-se uma breve reflexão sobre o funcionamento da língua, o conhecimento explícito da língua e sobre alguns procedimentos a adotar nas práticas pedagógicas. Para além de atividades de desenvolvimento da consciência fonológica, morfológica, lexical, sintática, textual e discursiva, apresenta ainda um exemplo de laboratório gramatical.

No ano de 2008, é publicado o Dicionário Terminológico (DT) que é um documento que fixa os termos a utilizar na descrição e análise de diferentes aspetos do Conhecimento Explícito da Língua:

*O Dicionário Terminológico*, resultante da revisão da TLEBS, por um lado, eliminou termos redundantes, inadequados ou pouco relevantes; por outro lado, acrescentou termos nos domínios da análise do discurso e da retórica. (Santiago & Paixão, 2011: 19)

O DT aparece como uma ferramenta de auxílio ao ensino da gramática e também ao estudo de textos. Passado um ano, em 2009, é homologado o Programa de Português do Ensino Básico o qual, como já referimos, entrou em vigor no ano letivo 2011/2012. Esta elaboração de um novo Programa teve como ponto de partida o Programa de 1991, não se ignorando, desta forma, componentes programáticos existentes anteriormente, mas colocando novas abordagens adequadas à realidade, às circunstâncias atuais do ensino e da aprendizagem do Português. Continua a aparecer o Conhecimento Explícito da Língua (CEL), agora do 1º ao 4º anos de escolaridade. No programa de Português anterior, os conteúdos gramaticais encontravam-se direcionados exclusivamente para o 3º e 4º anos. Estes apresentavam-se por objetivos, os quais eram operacionalizados pelos docentes. Atualmente, no PPEB, no conhecimento explícito da língua surgem as competências específicas a serem trabalhadas, aparecendo os descritores de desempenho para o 1º e 2º anos e para o 3º e 4º anos, com conteúdos a serem abordados. Há, ainda, sugestões de atividades a desenvolver, para alguns conteúdos assim como algumas notas de esclarecimento relacionadas com o que se pretende trabalhar.

Em 2012, surgem as Metas Curriculares de Português do Ensino Básico, as quais têm como suporte o Programa de Português do Ensino

Básico, de 2009. Em relação ao ensino e aprendizagem da gramática referem o seguinte:

No domínio da Gramática, pretende-se que o aluno adquira e desenvolva a capacidade para sistematizar unidades, regras e processos gramaticais da nossa língua, de modo a fazer um uso sustentado do português padrão nas diversas situações da Oralidade, da Leitura e da Escrita. O ensino dos conteúdos gramaticais deve ser realizado em estreita sintonia com atividades inerentes à consecução dos objetivos dos restantes domínios (Buescu et al., 2012: 6).

Como já referimos, neste novo documento há a substituição do conceito de Conhecimento Explícito da Língua por Gramática, por ser, sobretudo uma designação internacionalmente conhecida.

### **1.3. A utilidade dos manuais de gramática**

Como referimos, o nosso trabalho está relacionado com a análise de gramáticas, tentando-se descobrir qual o uso que os professores do Agrupamento de Escolas de Vila Nova de Poiares lhes dão, quais os materiais e as metodologias que usam na preparação das suas aulas de gramática/CEL. Relacionando este aspeto com a importância que estes davam às gramáticas ou a outros instrumentos de trabalho neste domínio do CEL, passámos um questionário a todos os docentes (anexo III). Dos dezoito professores titulares de turma e de apoio educativo responderam quinze.



Dos professores inquiridos 52,8% têm entre 41 a 45 anos, 26,4% têm mais de 50 anos e 13,2% têm entre 36 a 40 anos. Em relação ao tempo de serviço, dos docentes, podemos constatar que 46,2% têm entre 16 a 20 anos de serviço, 19,8% têm entre 11 a 15 anos e 13,2% têm entre 21 a 25 anos. Com 30 anos de serviço temos 13,2% dos docentes inquiridos. Por fim, 6,6% dos inquiridos têm entre 26 a 30 anos de serviço. Sobre a formação académica 85,8% dos docentes inquiridos possuem Licenciatura, 6,6% Mestrado e igualmente 6,6% têm Bacharelato.

Desta amostra dividimos os resultados dos questionários em duas partes. Na primeira parte, partimos dos professores que adotaram uma gramática para a sua turma e tentámos aferir quais os materiais que utilizavam. A segunda parte do questionário era relativa aos professores que não adotaram qualquer gramática, tentando aferir-se que outros instrumentos de trabalho usavam nas aulas de Português. A todos os itens que se relacionavam com a escolha de materiais para a preparação das aulas, os docentes tinham de responder de um a quatro sobre qual o que se adaptava melhor à sua situação. A resposta número um representava “nunca,” a dois “raramente,” a três “às vezes” e a quatro “sempre.”

Depois de analisar os resultados, verificámos que 52,8% dos docentes adotaram uma gramática, para os seus alunos, enquanto 46,2% não adotaram nenhuma. Como não é obrigatório comprar o manual de gramática, cabe ao professor titular de turma a sua decisão em propor a compra ou não de uma gramática. Nesta amostra, existiam quatro gramáticas diferentes com as quais os professores trabalhavam em contexto de sala de aula.

Começando pelos professores que adotaram uma gramática nas suas turmas, 33% afirmam que utilizam às vezes outras gramáticas do 1º CEB, 13,2% consultam com frequência gramáticas do 2º CEB e 6,6% usa

às vezes uma gramática do 3º CEB. Neste grupo, 33% usam com frequência o manual adotado, enquanto 19,8% usam-no só às vezes. Em relação aos materiais do PNEP 19,8% dos professores consultam-nos às vezes, 13,2% fazem-no raramente e 19,8% dizem nunca os usarem. Relativamente à Internet, 52,8% afirmam que fazem aí pesquisas às vezes. Por fim, sobre o uso de outros materiais, 39,6% respondem que nunca os utilizam, enquanto 6,6% diz que aproveita frequentemente fichas formativas e usa com frequência de fichas elaboradas por si com outros colegas.

Analisando os questionários, dos 46,2% docentes que não adotaram uma gramática, na sua sala de aula, e seguindo por ordem os itens anteriores, verificámos que 39,6%, nunca usa gramática, 13,2% utiliza às vezes e 26,4% recorre aos manuais de gramática frequentemente. Estes docentes consultam sempre gramáticas do 1ºCEB. Em relação ao manual adotado, os 46,2% destes docentes que não adotaram uma gramática responderam que o usam frequentemente. Sobre os materiais do PNEP, 13,2% dos docentes referem que nunca os consultam, 6,6% diz servir-se deles frequentemente, 13,2% dizem usá-los às vezes e 13,2% raramente os utiliza. Relativamente à pesquisa na Internet, 26,4% dos docentes inquiridos fazem-na com frequência e 19,8% apenas às vezes. Ainda no item sobre a pesquisa em outros materiais além dos indicados, 33% dos docentes disseram que nunca recorrem a outros materiais e 13,2% reponderam que costumam consultar outros manuais que não foram adotados.

Perante as respostas ao inquérito, que constitui a nossa (pequena) amostra, podemos concluir que os professores que adotaram uma gramática dão-lhe grande importância, consultam outras gramáticas até de outros ciclos de ensino. Porém, dos professores que não adotaram

qualquer gramática, a maioria consulta outras gramáticas, somente do 1º CEB, e faz com frequência pesquisas na internet.

Estes dois grupos apresentam algo em comum que é o uso frequente dos manuais adotados de português, a pouca utilização dos materiais do PNEP<sup>1</sup> e ainda a quase inexistência de outros materiais além dos sugeridos.

Estes comportamentos são entendíveis, pois atualmente muitos dos manuais já trazem explicações sobre os conteúdos gramaticais a trabalhar, dando-lhes, por vezes, o nome de Laboratórios Gramaticais com fichas de trabalho, para os alunos executarem. Atualmente todos os manuais fazem-se acompanhar de livros de fichas. Pode, ainda, acontecer que a nível de um 1º ou 2º anos o professor não sinta necessidade de consultar qualquer gramática, ou outros materiais, uma vez que os manuais abordam os conteúdos gramaticais propostos para estes anos.

Somos da opinião de que uma gramática é útil para os alunos do 3º e 4º anos, principalmente por ser um manual de estudo, de consulta, de consolidação e de aplicação de conhecimentos, um instrumento que o aluno pode usar para tirar possíveis dúvidas que surjam. Porém, defendemos que o professor não pode conduzir as suas aulas de gramática apenas por um manual ou por uma gramática. Este precisa de utilizar todos os materiais que encontre disponíveis, adequados à situação que pretende explorar e sempre de acordo com a turma em que trabalha. A gramática não pode ser um livro onde o aluno só consulta definições, mas deverá também ser um livro de pesquisa, sobre algo que já aprendeu de maneira a consolidar as suas aprendizagens.

---

<sup>1</sup> O pouco uso dado aos materiais do PNEP deve-se ao facto de só ter existido, neste agrupamento, um ano de formação. É de referir, ainda, que se alguns professores se encontravam a fazer, nessa época, formação em Matemática e nas Ciências Experimentais. Podemos acrescentar que alguns dos professores que fizeram a formação já não se encontram a trabalhar neste agrupamento.

## **1.4. O português ao longo dos tempos**

Depois de termos abordado a origem das gramáticas, na nossa história, há necessidade de verificarmos como é que o português evoluiu ao longo dos séculos. Sendo que o português é uma língua que pertence à família das línguas românicas, deriva do latim vulgar, “ou seja, o que era falado pelo povo, soldados, comerciantes e colonos romanos, em interação com os diferentes locais” (Nascimento & Lopes, 2011: 29).

Constatamos que o léxico de uma língua é formado por um conjunto infinito de frases. Como dizem Celso Cunha & Lindley Cintra (1992: 75) cada uma das frases tem uma face sonora que é a cadeia falada e ainda uma face significativa que se reporta ao seu conteúdo. A frase ainda pode ser dividida em unidades menores de som e significado que são as palavras.

Perante este facto, há que inquirir sobre o que se entende por palavra. Qualquer falante, até de tenra idade, quando solicitado para dizer palavras da sua língua é capaz de dizê-las. Porém, quando se pretende definir o que significa o conceito de palavra, chega-se à conclusão de que não é um trabalho fácil como pode ser comprovado pelos estudos que ao longo dos anos os linguistas têm efetuado.

Em todas as línguas há a possibilidade e meios para se formarem palavras e o português também não é exceção. Uma das particularidades da linguagem humana é exatamente a capacidade “de todas as línguas possuírem mecanismos capazes de gerar novas palavras” (Correia & Lemos, 2009: 24). Para realizar esta tarefa parte-se de elementos existentes, de acordo com regras que os falantes dominam, de forma a se

obter novos itens cuja estrutura morfológica seja aceitável e o seu significado seja coeso com essa estrutura.

Numa breve perspetiva histórica podemos dizer que a língua portuguesa surge com a romanização, “vindo esta do latim vulgar que os romanos introduziram na Lusitânia, região situada ao Ocidente da Península Ibérica” (Huber, 1986: 17). De acordo com este autor, Joseph Huber, podemos dizer que o nosso vocabulário se encontra ligado à história externa do povo português, sendo este, na maior parte, constituído por elementos latinos, alguns elementos gregos e elementos importados das línguas dos vários povos, com os quais os portugueses mantiveram contacto.

Tendo em conta o que se refere, no *Dicionário Terminológico* (2009: 16), o resultado linguístico da história de Portugal deve-se ao facto de o nosso país ter ficado independente no século XII, de a Reconquista Cristã ter findado no século XIII, de se ter enveredado pela expansão extraeuropeia a partir do século XV e de se ter feito um esforço para colonizar África, a América e a Ásia, durante toda a Idade Moderna.

A expansão portuguesa na Ásia e na África veio contribuir para empréstimos a nível gramatical, tendo-se verificado a introdução de novas palavras no nosso léxico, das quais podemos referir as de origem asiática: “azul”, “bambu”, “beringela”, “chá”, “jangada”, “leque”, “laranja”, “tafetá”, “tulipa”, “turbante”, etc. São ainda de proveniência africana: angu, batuque, “berimbau”, “cachimbo”, “engambelar”, “marimbondó”, “moleque”, “quitanda”, “quitute”, “samba”, “senzala”, “vatapá”, só para referir alguns exemplos. Ainda em virtude das relações políticas, culturais e comerciais com outros países, é natural que o léxico português tenha recebido (e continue a receber) empréstimos de outras línguas modernas. Assim, incorporaram-se ao nosso léxico palavras

originárias do francês (“chefe”, “hotel”, “jardim”, “paisagem”, “vitral”, “vitrine”); do inglês (“futebol”, “bife”, “córner”, “pudim”, “repórter”, “sanduíche”, “piquenique”); do italiano (“adágio”, “alegro”, “andante”, “confete”, “gazeta”, “macarrão”, “talharim”, “piano”, “mortadela”, “serenata”, “salame”); do alemão (“valsa”, “manequim”, “vermute”). Nos tempos atuais, o inglês tem servido de fonte de inúmeros empréstimos, sobretudo nas áreas técnicas, o que demonstra a estreita ligação que o processo de mudança linguística tem com a história sociopolítica e cultural de um povo.

Nesta importação de palavras ao longo da nossa história há ainda a referir as palavras de origem árabe, nomeadamente expressões científicas, técnicas e artísticas, designações para cargos e dignidades, medidas e pesos, plantas e animais, expressões da medicina, matemática, astronomia, música e guerra. Este vocabulário mostra que os árabes eram também um povo culto.

Apesar de todas as palavras que fomos recolhendo ao longo da nossa história, não podemos esquecer que o latim teve enorme influência no nosso vocabulário. Ainda sobre este assunto Joseph Huber (1986: 17) refere que as palavras gregas vieram para o português através do latim, algumas tão cedo, que no português antigo já se achavam na forma popular como: “aviso” (“abisso”).

Não podemos esquecer que a língua portuguesa tem um passado, logo uma Gramática Histórica. Esta estuda a origem e a evolução do idioma português no tempo e no espaço. Segundo Paul Teyssier (1984: 73), entre o final do século XVIII e o início do século XIX revelou-se uma época de transição, a nível morfológico, sintático e lexical entre o português clássico e o que se pode chamar o português moderno e

contemporâneo. Mas foi sobretudo na morfologia e na sintaxe dos verbos que a língua contemporânea evoluiu, em especial na forma falada.

Ainda sobre a linha de pensamento anterior é de salientar que o vocabulário do português se valorizou tal como todas as línguas europeias, com um aumento de termos que designam conceitos e objetos relacionados com a civilização científica e técnica. Por vezes foram retiradas do léxico existente, a palavra própria para demonstrar o objeto novo (ex: "comboio"), só que na maior parte das vezes recorreu-se às raízes greco-latinas (ex: "automóvel"). A língua continuou a criar termos eruditos como sempre foi feito, desde as suas origens.

Podemos concluir, mencionando o *Dicionário Terminológico* (2009: 16), que ao longo dos tempos, a população de língua materna portuguesa entrou em contacto com falantes de outras línguas e daí apareceram diferentes variedades do português: variedade europeia, variedades africanas e variedade brasileira. A variedade europeia é o português falado em Portugal continental e nos arquipélagos da Madeira e dos Açores; a variedade brasileira é o português falado no Brasil e as variedades africanas as que são faladas nos países africanos, cuja língua oficial é o português.

Apesar das diferentes variedades do português e de "a maioria das propriedades gramaticais ser comum às diferentes variedades da língua portuguesa, permitindo aos seus falantes estabelecerem comunicação entre si, há particularidades específicas da variedade brasileira e das variedades africanas, na fonética, na sintaxe e no léxico" (Nascimento & Lopes, 2011: 19). Há ainda a considerar que a expansão portuguesa, por vários territórios de outros continentes, contribuiu para as variedades que referimos, mas mesmo assim, "a língua portuguesa conseguiu manter até

hoje apreciável coesão entre as suas variedades por mais afastadas que se encontrem no espaço” (Cunha & Cintra, 1992: 10).

### **1.5. A formação de palavras**

A formação de palavras e o seu significado, ao longo dos tempos, tem sido objeto de estudo e de reflexão de muitos gramáticos. De acordo com esta afirmação, Rebelo & Osório (1980: 1) referem o seguinte:

As reflexões sobre o significado das palavras têm permeado as obras de inúmeros estudiosos desde a controvérsia grega entre convencionalistas e naturalistas até aos nossos dias, com as diferentes correntes teóricas que tentam dar conta da estruturação da linguagem. Estas discussões deram origem, ao longo do tempo, a uma disciplina de implicações tão abrangentes como é a semântica.

Relativamente ao assunto em estudo, a formação de palavras, e começando com a linha de pensamento de Maria Helena Mira Mateus et al., (1990: 413):

O objetivo específico da morfologia consiste no conhecimento das palavras, enquanto unidades de análise linguística, dos seus elementos constituintes e das relações existentes entre os constituintes da palavra, ou seja, da sua estrutura interna, bem como das relações existentes entre as palavras.



Ao continuarmos a análise de como se formam as palavras de uma língua, Margarida Correia & Lúcia Lemos (2009: 23) referem que os léxicos das línguas dispõem de três mecanismos para integrar palavras novas que são os seguintes: formar palavras seguindo as regras da própria língua, reutilizar as palavras que existem na língua dando-lhes um novo significado e importar palavras de outras línguas.

A facilidade em formar palavras novas foi limitada no latim, após este ter atingido a sua fase de esplendor, pelo receio que tinham os escritores de caírem na teia dos neologismos. Já no latim vulgar a formação de palavras desenvolveu-se prodigiosamente. O português seguiu os mesmos passos do latim vulgar, na formação das palavras novas.

A palavra, como refere o *Dicionário Terminológico* (2009: 27), é um item lexical pertencente a uma determinada classe, com um significado identificável ou com uma formação gramatical e com uma forma fonológica consistente, podendo ainda admitir variação flexional. A palavra é ainda uma unidade que pode ser analisável, ou seja, decomposta nos elementos que a constituem, essas unidades de som e conteúdo que são menores do que a palavra, são unidades significativas mínimas denominam-se morfemas. Estes podem ter variações às vezes acentuadas nas suas realizações fonéticas: "É o caso do morfema do plural do português cuja pronúncia está sempre condicionada à natureza do som seguinte" (Cunha & Cintra, 1992: 76).

Em relação à análise das palavras, os morfemas podem ser livres e presos. Os linguistas consideram os primeiros como aqueles que podem existir sozinhos como vocábulos, ao contrário dos segundos, que nunca se encontram isolados, não tendo por isso autonomia vocabular. Quanto à natureza da significação, os morfemas podem ser lexicais ou gramaticais.

Os lexicais apresentam significação externa, referem-se a tudo o que os falantes distinguem na realidade objetiva ou subjetiva. Por sua vez, os morfemas gramaticais têm significação de natureza interna, derivando das relações levadas em conta pela língua.

Ainda sobre os morfemas lexicais e gramaticais, Celso Cunha & Luís Lindley Cintra (1992: 77) são da opinião de que os lexicais são em número elevado por constituírem uma classe aberta, podendo esta ser sempre aumentada por novos elementos. Os gramaticais, porém, como fazem parte de uma classe fechada, têm um número definido e restrito no idioma. Os autores citados afirmam que, ao serem analisados num dado texto, os morfemas lexicais encontram-se numa frequência média-baixa, em contraste com os morfemas gramaticais que estão numa frequência média-alta.

Ao morfema lexical tradicionalmente atribui-se o nome de radical que liga as palavras da mesma família, dando-lhe uma base comum de significação. Sobre esta corrente de pensamento, há autores que não usam o conceito radical, como Ismael Coutinho (1976: 166), que afirma que “a raiz é o nome que se dá ao elemento primário e significativo da palavra, em torno do qual se agrupam os outros elementos de formação. É também denominada base.” Este autor considera que a raiz da palavra se alcança através da eliminação dos elementos secundários que a possam constituir. Desta forma, a raiz será a parte não flexível da palavra, a qual não é possível de ser substituída. Em relação a este tema, Mário Viaro (2004: 20) acrescenta que toda a palavra tem um núcleo etimológico que é a sua raiz. Esta consiste numa única sílaba, na maior parte das vezes é um único som.

Como podemos observar, existem várias discussões sobre o que é a raiz e a sua utilidade, devido a este facto alguns autores deixaram de usar este termo, pois algumas raízes desapareceram ao longo do tempo.

Ainda sobre este assunto, alguns linguistas consideram que a linguagem passou por um período monossilábico primitivo, em que as unidades vocabulares seriam formadas por raízes. Em referência a esta ideia, Ismael Coutinho (1976: 166) diz que não há nenhuma prova sobre a fase de monossilabismo. Tal leva este autor a considerar que as raízes são pura indução dos gramáticos, as quais são precisas para uma explicação anatómica da constituição dos vocábulos.

Apesar de ser um tema de grande discussão, já o conceito de radical, que mencionámos anteriormente, acaba por ser aceite por todos. Este não é mais do que uma raiz expandida, por meio de pequenas sílabas significativas, ou seja, os afixos ou morfemas derivacionais que acabam por modificar o sentido do radical, ao qual se juntaram.

Os radicais, como já foi referido, são unidades lexicais portadoras de informação idiossincrática de carácter morfológico, sintático e semântico. Estes são ainda especificadores da categoria sintática, da classe temática e ainda do género, no caso dos nomes. Relativamente à especificação dos radicais em relação à categoria temática a que dizem respeito, nomeadamente à identificação das subcategorias dos adjetivos, dos nomes, dos verbos, a sua relevância acaba por ser meramente morfológica. Ainda temos a considerar o tema que de um modo geral é a unidade morfológica, a qual domina o radical, e o constituinte temático, que é o afixo que especifica a classe temática do radical.

Seguindo a linha de pensamento anterior, pode-se afirmar que “a categoria sintática dos radicais simples é determinada em função da categoria sintática das palavras simples com que cada radical pode

ocorrer (...) enquanto outros ocorrem em duas ou mais” (Mateus et al., 2003: 920). Sobre estes últimos, há a referir que são foneticamente semelhantes, mas têm propriedades gramaticais diferentes.

Sobre o nosso tema, a formação de palavras, Celso Cunha & Lindley Cintra (1992: 85) citam Jean Dubois (1973):

Chama-se formação de palavras o conjunto de processos morfossintáticos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais. Utilizam-se assim, para formar as palavras, os afixos de derivação ou os procedimentos de composição.

Sobre a afixação, Maria Helena Mateus et al. (2003: 941) expõem que esta é normalmente descrita com base nas propriedades que caracterizam os afixos envolvidos, tendo em atenção a posição que estes ocupam na estrutura morfológica do português.

Desta forma, temos afixos disponíveis que são: os prefixos que se colocam na periferia esquerda da forma da base e os sufixos quando se encontram à direita da base. Esta distinção não é a ideal para a análise morfológica, pois não permite a identificação dos afixos que ocupam a posição de constituinte temático, nem daqueles que ocupam as posições de flexão morfológica. Referindo Celso Cunha & Lindley Cintra (1992: 8), estes autores acrescentam que os prefixos são mais independentes do que os sufixos, pois normalmente provêm de advérbios ou de preposições que tiveram ou têm uma vida autónoma.

Através deste estudo podemos afirmar que os sufixos determinam a categoria sintática ou gramatical da palavra onde ocorrem. Estes circunscrevem o valor das categorias morfológicas, morfossintáticas e

morfosssemânticas. Por sua vez, os prefixos não interferem na categoria sintática da palavra, não alteram a categoria morfológica e não fornecem as categorias que foram mencionadas para os sufixos. É de destacar que tanto os sufixos como os prefixos formam novas palavras que mantêm uma relação de sentido com o radical derivante. Numa breve conclusão, os prefixos e os sufixos podem ter uma denominação mais geral, “os afixos, nunca podem constituir, por si sós, uma palavra, devendo associar-se a uma base, que pode ser constituída por um radical (...) ou por uma sequência de radical e um ou mais afixos” (Mateus et al., 1990: 414).

A derivação é o processo mais fácil na formação de palavras na língua portuguesa, assim como nas restantes línguas românicas. Neste processo existe já uma palavra, podendo-se formar uma nova através da adição ao seu radical de um sufixo ou de um prefixo ou com a supressão de um destes. Há ainda a incorporação simultânea a um determinado radical de um prefixo e de um sufixo que se denominam parassintéticos. Podemos, assim, dizer que a palavra nova que se formou recebe a denominação de derivada e a que lhe está na origem da formação recebe o nome de palavra primitiva.

Ao falarmos do processo de formação de palavras por derivação temos de fazer um breve resumo sobre a distinção entre a gramática tradicional e a gramática atual. Na primeira, seguindo o DT (2009: 22), a derivação era descrita como a formação de novas palavras a partir de uma palavra primitiva, enquanto na segunda a derivação passa a ser vista como um processo morfológico de formação de palavras, o qual consiste na associação de um afixo derivacional a uma forma de base.

Na derivação, a categoria morfossintática dos derivados é calculada a partir da categoria sintática dos afixos derivacionais,

existindo processos diferentes. Por isso, os derivados de uma mesma forma de base pertencem a diferentes categorias morfossintáticas. A derivação pode ser prefixal com o uso de prefixos, sufixal, utilizando os sufixos e parassintética com a junção simultânea de um prefixo e de um afixo a uma base. A maioria dos autores é da opinião de que a parassíntese é frequente na formação de verbos deadjetivais ou denominais. Alguns autores não aceitam que certas palavras, apesar de terem na sua base ao mesmo tempo um prefixo e um sufixo, sejam formadas por parassíntese, pois algumas delas têm as fases intermédias dos derivados.

Em relação às palavras derivadas que referimos, estas resultam sempre de um acréscimo de afixos a uma determinada base ou radical e a palavra que se forma aumenta a primitiva. Existe, no entanto, um processo de criação vocabular contrário a este a que se dá o nome de derivação regressiva, “que consiste na redução da palavra derivante por uma falsa análise da estrutura” (Cunha & Cintra, 1992: 104). A derivação regressiva é sempre um processo de nominalização deverbal, em que as bases de derivação regressiva “são sempre verbos e os seus produtos são sempre nomes de ação, isto é, nomes parafraseáveis” (Correia & Lemos, 2009: 33). Ainda sobre a derivação temos de falar na conversão ou derivação imprópria que abrange as palavras que mudam de classe gramatical sem terem qualquer modificação na sua estrutura, tal é o exemplo da palavra “português” que pode ser uma pessoa natural de Portugal ou a língua própria de Portugal.

Perante a derivação afixal, Margarida Correia & Lúcia Lemos (2009: 24) referem que este é um método tipicamente binário, onde cada processo derivacional intervém de cada vez numa base ou num radical derivacional e num afixo. Desta forma, as palavras que possuem mais do

que um afixo derivacional, com exceção dos derivados parassintéticos, surgem não de um, mas de vários processos derivacionais.

Para as duas autoras mencionadas anteriormente:

A composição é um processo menos previsível dado que: número de unidades que podem estar na base de compostos é praticamente ilimitado; quando se fala de composição sintagmática, é impossível prever quais os sintagmas que se lexicalizarão, dado que, basicamente, esse processo é condicionado por fatores extralinguísticos; os elementos intervenientes na composição são portadores de significado lexical e podem ser classificados como pertencentes a uma classe maior de palavras (substantivo, adjetivo, verbo, advérbio) (Correia & Lemos, 2009: 26).

Já Celso Cunha & Lindley Cintra (1992: 106) têm uma visão um pouco diferente sobre a palavra composta. Para estes dois autores, esta representa sempre uma ideia única, autónoma e por vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes. Estes dois autores referem que existem elementos de uma palavra composta que podem estar justapostos, conservando cada um a sua imparcialidade. Por vezes, há palavras em que elementos que as formam estão nalgumas ocasiões unidos de tal forma que a ideia de composição quase se perde, por se encontrarem subordinados a um único acento tónico, perdendo a sua integridade silábica. É considerada a composição perfeita.

Em relação aos casos expostos, os autores anteriores, na perspetiva de gramática tradicional, fazem a distinção entre a composição por justaposição e da composição por aglutinação. No primeiro caso, os

elementos componentes estão geralmente ligados por hífen, ao passo que, no segundo caso, os elementos unem-se num só vocábulo gráfico. Ainda sobre o emprego do hífen nas palavras compostas por justaposição podemos dizer “que o emprego do hífen é uma simples convenção ortográfica. Nem sempre os elementos justapostos vêm ligados por ele. Há os que se escrevem unidos (...) como há outros que conservam a sua autonomia gráfica” (Cunha & Cintra, 1992: 107).

Ainda relacionado com os termos justaposição e aglutinação, usados pelos autores referidos anteriormente, temos de expor que, na nova terminologia utilizada na gramática atual e seguindo o DT, o primeiro termo, ou seja, justaposição, passa a chamar-se composição morfosintática e o segundo termo, ou seja, aglutinação passa a chamar-se composição morfológica. Estes termos usados na gramática tradicional deixam de ser utilizados, por serem considerados pouco rigorosos e desadequados face ao processo que ocorre na formação de novas palavras por composição.

Para Ismael Coutinho (1976: 175), seguindo uma perspetiva mais tradicionalista, em todas as palavras compostas há um elemento principal a que se dá o nome de “determinado” e o secundário ou acessório que se chama “determinante”. Podemos dizer que, de um modo geral, no português, o determinado precede o determinante. Apesar de existirem exemplos contrários, estes são pouco frequentes. O primeiro processo de formação é praticado pelas línguas românicas e o segundo foi usado pelo grego, latim e é usado ainda pelo alemão e inglês.

Ainda sobre a composição de palavras, Margarida Correia & Lúcia Lemos (2009: 37) chamam a atenção para a estrutura interna das palavras compostas, distinguindo dois processos que são: a composição morfológica e lexicalização de sintagmas. Além destes dois processos,



referem a recomposição que é um tipo de composição morfológica. A composição morfológica é descrita pelas autoras anteriores (2009: 38) como a construção de palavras compostas, partindo de unidades não-autónomas. Normalmente estas unidades são raízes gregas e latinas, as quais se foram adaptando ao sistema fonológico português e unidades que resultaram da truncação de outras palavras. É ainda de referir que na construção de compostos morfológicos entra, quase sempre, uma vogal de ligação. É preciso referir que nesta composição morfológica pode ainda existir uma palavra autónoma no segundo elemento da composição.

Este tipo de composição é típico das terminologias específicas das ciências e/ou domínios técnicos. Este recurso ao ser usado na composição de palavras referentes a estas áreas tem a ver com o facto de os radicais utilizados nelas constituírem um património comum a muitas línguas. As unidades são assim formadas, tornam-se facilmente traduzíveis e adaptáveis, construindo, a maioria delas, verdadeiros internacionalismos.

A composição sintagmática é também chamada lexicalização de sintagmas, tal verifica-se quando um composto sintagmático resulta da lexicalização de certos sintagmas da língua, como por exemplo: “casa de banho”, “pena capital” etc.. Assim, “a estrutura destas unidades lexicais é regida pelas regras da sintaxe da língua, mas aquilo que nelas é imprevisível é quais os sintagmas que se lexicalizarão, de entre todos os possíveis” (Correia & Lemos, 2009: 39). Podemos, pois, afirmar que a formação sintagmática é uma composição de elementos lexicais independentes, que apresentam entre si uma íntima relação sintática e semântica de modo a formar uma unidade lexical. Esta lexicalização só é definida por necessidades denominativas independentes da língua.

A lexicalização é o processo pelo qual certas unidades são formadas em outras componentes da gramática, as quais se transformam em unidades lexicais, “que se fixam na língua, passando a funcionar como unidades lexicais de direito”( Correia & Lemos, 2009: 40).

Podemos, assim, dizer que a formação sintagmática consiste numa composição de elementos lexicais independentes, que apresentam entre si uma relação sintática e semântica, de modo a formar uma unidade lexical. Esta lexicalização só é definida por necessidades denominativas independentes da língua.

Para que este estudo fique completo, há ainda que referir a passagem da componente sintática para a componente lexical “e a fixação dos sintagmas lexicalizados é muitas vezes acompanhada por uma especialização semântica, isto é, o significado do sintagma deixa de ser o seu significado composicional e passa, sim, a ser um significado diferente” (Correia & Lemos, 2009: 40). Podemos apresentar como exemplo, do que foi referido anteriormente, as palavras: “amor-perfeito” e “para-quedas”. Atualmente, também é possível escrever “paraquedas”.

Perante o que foi mencionado, há que referir que a flexão dos compostos sintagmáticos se faz pelas regras da sintaxe. Estes compostos são, essencialmente, nomes cuja estrutura normalmente corresponde a uma das seguintes estruturas sintagmáticas: nome mais adjetivo; adjetivo mais nome; nome mais sintagma preposicional; nome mais nome; verbo mais nome; preposição mais nome. Raramente pode aparecer o composto sintagmático formado por: adjetivo mais adjetivo; advérbio mais adjetivo.

Por fim, Margarida Correia & Lúcia Lemos (2009: 43) fazem alusão à recomposição, acentuando o facto de existirem compostos que parecem ser meros compostos morfológicos, mas possuindo uma

estrutura um pouco mais complexa. Perante o termo recomposição, Celso Cunha & Lindley Cintra (1996: 113) afirmam que alguns radicais latinos e gregos adquiriram um sentido especial nas línguas modernas, assumindo o sentido global dos vocábulos de que anteriormente eram elementos componentes. Estes dois autores atribuem a estes componentes o nome de pseudoprefixos ou prefixóides. Como exemplos podemos considerar os seguintes: <agro-> (“agricultura”), <eco-> (“ecoponto”), <euro-> (“eurodeputado”), <foto-> (“fotobiografia”), <narco-> (“narcotráfico”), ou <petro-> (petróleo).

Margarida Correia & Lúcia Lemos (2009: 43) aceitam a denominação anterior, pseudoprefixos ou prefixóides, em virtude desta ser usada na nossa terminologia gramatical. Porém, estas autoras não concordam que esta designação seja adequada, pelo facto de os elementos ostentarem informação semântica de tipo lexical e poderem ser categorizáveis como classes lexicais maiores. Se tivermos em conta a definição do composto morfológico dos pseudoprefixos ou prefixóides, “os recompostos podem ser integrados na composição morfológica, dado envolverem unidades lexicais não-autónomas. O que os torna um grupo específico é apenas o facto de essas unidades não-autónomas resultarem de truncação de unidades maiores” (Correia & Lemos, 2009: 43).

A recomposição surgiu para definir um processo de formação de palavras que não se caracteriza nem pela composição e nem pela derivação. A recomposição nomeia o processo de formação de palavras quando são utilizados os pseudoprefixos. Estes caracterizam-se por possuírem alguma independência, terem uma significação mais ou menos delimitada e terem um menor rendimento do que os prefixos propriamente ditos.

Ainda sobre os pseudoprefixos e os radicais eruditos temos que fazer uma distinção, visto que estes últimos não têm o comportamento especial dos primeiros. Podemos, então, afirmar que o critério para a sua diferenciação, é, pois, “a deriva semântica que se evidencia quando, processada a decomposição, os elementos ingressam noutras formações com sentido diverso do etimológico” (Cunha & Cintra, 1992: 114).

Como diz Maria Helena Mira Mateus et al., “a formação de palavras não esgota, no entanto, os recursos para a introdução de novas palavras no léxico de uma língua, que podem ser inventadas (...) ou podem resultar de alterações várias sobre palavras existentes” (1990: 414).

Temos, assim, alguns processos de criação lexical como: a acronímia, que é uma forma de criar uma palavra a partir de uma ou mais letras das palavras que integram um título ou uma frase; a sigla, que é a abreviatura de sequências de palavras que inclui a letra inicial de cada uma delas; o truncamento ou abreviação vocabular, que consiste na eliminação de uma sequência no final da palavra; a amálgama, que é quando uma nova palavra resulta de outras palavras, num processo de combinação aleatória; os empréstimos, que são palavras provenientes de outras línguas adaptadas à nova língua; os estrangeirismos, que são importações diretas de palavras de outras línguas; a extensão metafórica, que contribui para o alargamento do léxico de uma língua porque neste processo atribui-se a uma palavra uma nova interpretação semântica e, por fim, os neologismos que são a criação de novas palavras a partir de estruturas morfossintáticas da língua.

Ainda sobre os arcaísmos e os neologismos, não podemos esquecer o que nos diz Monteiro Lobato (1934: II) sobre estes termos:

Sou uma palavra que já perdeu até a memória da vida passada. Apenas me lembro que vim do latim Hoc Anno, que significa Este Ano. Entrei nesta cidade quando só havia uns começos de rua (...). Depois fui esquecida, e hoje ninguém se lembra de mim (...). Já sou mais que um Arcaísmo sou simplesmente uma palavra morta. (...). Foi interrompida por um bando de palavras jovens que vinham fazendo grande barulho (...). São os Neologismos, isto é, palavras novíssimas, recém-saídas da forma. (...) Os Neologismos têm de envelhecer um bocado antes que receba autorização para residir no Centro da Cidade (...). Enquanto isso ficam soltos pela cidade, como vagabundo, ora aqui, ora ali.

De facto, perante a citação anterior, verificamos que as línguas não são estáticas e que evoluem, adotando novas palavras em detrimento de outras que acabam por cair em desuso. Temos, assim, os arcaísmos que são palavras ou expressões usadas numa determinada época e que, com o decorrer do tempo, são substituídas por outras de sentido idêntico ou, então, perdem totalmente a sua referência, devido às transformações que se foram verificando no campo científico-tecnológico, na organização social, nas ideologias, etc.

Para que umas palavras desapareçam, outras surgem normalmente para ocuparem o lugar das primeiras. Além disso, num mundo em constante mudança e evolução, aparecem novos conceitos e objetivos que necessitam de ser nomeados. A estas palavras novas dá-se o nome de neologismos. O neologismo é toda a palavra que não existia e passou a ser usada, independentemente do modo como apareceu e do tempo que

irá ter. Um neologismo só é sentido, como tal, durante algum tempo limitado. Passados anos ou séculos, um determinado neologismo deixa de ter sentido, como tal, porque a realidade que ele designa também já não é nova.

Em jeito de conclusão sobre os aspetos que abordámos em relação aos vários processos de formação de palavras, podemos afirmar que na língua portuguesa a derivação é o processo mais simples para formar novas palavras, pois ao existir já uma palavra (base), através da junção de prefixos ou de sufixos, ou então dos dois em simultâneo, obtemos novas palavras, torna-se, assim, um processo mais regular. Já em relação à composição de palavras, este processo pode ter um número de unidades na base dos compostos quase ilimitados, por isso, a formação de palavras, por este método, torna-se mais complicado na nossa língua, por ser um processo menos previsível.

Ainda sobre a derivação e a composição de palavras há que fazer uma distinção entre estes dois processos, a derivação e a composição. A derivação tem uma unidade de significado lexical, à qual se junta um ou dois afixos, como mencionámos anteriormente, para formar uma nova unidade lexical. Já na composição existem pelo menos duas unidades de significado lexical autónomas ou não-autónomas, existentes na língua, que se unem para dar origem a uma nova unidade lexical.

## **CAPÍTULO I I – ANÁLISE DAS GRAMÁTICAS**





Para realizarmos o estudo sobre como as gramáticas apresentam o tema da formação de palavras, estruturámos este trabalho da seguinte forma: procedeu-se à análise de sete gramáticas escolares do 1º CEB, todas elas direccionadas para o 3º e 4º anos de escolaridade. Encontrando-se todas de acordo com o Programa de Português do Ensino Básico e o Dicionário Terminológico. Apenas só algumas já se encontram de acordo com as novas Metas Curriculares de 2012.

A seleção das gramáticas teve como princípio as gramáticas adotadas pelos docentes do Agrupamento de Escolas de Vila Nova de Poiares e as mais recentes no mercado editorial (anexo IV). Ahamos que a seleção deste *corpus* de análise permitirá chegar, com exigência e rigor, a algumas conclusões sobre o que se pretende estudar (anexo V).

Neste estudo, analisámos as seguintes gramáticas: *A minha primeira Gramática*, *A minha Gramática* e *À descoberta da Gramática*, as quais estão de acordo com o Programas de Português, o Dicionário Terminológico e as Metas Curriculares de 2012. As seguintes gramáticas: *Escolar Gramática*, *Segredos da Gramática*, *Super Gramática* e *Aprender a Gramática 4* não se encontram de acordo com as Metas Curriculares de 2012. Nesta análise, seguimos uma grelha, nos seguintes aspetos: apresentação do tema, explicação/teoria sobre conteúdo abordado, tipo de exercícios, número de exercícios que possuem e o número de páginas que dedicam ao tema (anexo VI).

## **2.1. A apresentação do tema em cada gramática**

Iniciamos este subcapítulo com a apresentação do tema, a formação de palavras, como é que este é explorado em cada gramática,

que vamos analisar, focando-nos essencialmente nos materiais utilizados para abordagem do tema que vamos trabalhar.

Começando pela gramática *Escolar Gramática*, o tema, a formação de palavras, é feito através da apresentação de três bandas desenhadas. Na página 98, o aluno identifica na primeira banda desenhada as palavras variáveis e invariáveis, simples e complexas. Na segunda banda desenhada, página 100, aparece a derivação de palavras por prefixação, sufixação e parassíntese. Por fim, na página 102, há uma banda desenhada para apresentar a composição de palavras (anexo VII).

Em *A minha primeira Gramática*, inicia-se o tema a formação de palavras com uma abordagem às palavras variáveis e invariáveis, simples e complexas, começando com dois textos de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, retirados do livro *Os primos e a Bruxa Cartuxa*. Nestes dois textos há palavras a negrito que irão ser utilizadas em exercícios para abordarem o tema. De seguida, na página 43, na parte relativa ao processo de formação de palavras, há um texto muito simples com o título “O pirilampo”, em diálogo, retirado do livro *Vou dar pontapés na lua*, de Maria Isabel Moura, o qual vai ser usado para a realização de exercícios sobre as palavras complexas, introduzindo, assim, este processo de formação de palavras (anexo VIII).

Em relação à gramática *Segredos da Gramática*, há uma parte teórica que começa por apresentar a palavra como “um lado escondido da língua, aquele que se encontra por dentro das palavras e que faz com que elas se transformem e cresçam” (Espinha & Fonseca, 2011: 78). De seguida, existe uma explicação sobre as diferentes classes a que as palavras pertencem, o seu significado, as suas funções gramaticais e o som que representam. Logo após, aparece a noção de uma palavra simples e de uma palavra complexa. Vejamos como Maria Espinha &

Irene Fonseca (2011: 78) se referem ao tema: "De facto, podes reconhecer facilmente a existência de uma palavra simples, como *casa*, *pera*, *árvore*, *conforto*, e de uma palavra complexa como *casamento*, *pereira*, *arvoredo*, *desconforto*." Nesta gramática todos os conteúdos estão apresentados de uma forma sempre teórica e com exemplos (anexo IX).

No manual de gramática, *A minha Gramática*, o tema surge, na página 72, através de três imagens que apresentam a palavra simples e a palavra complexa (anexo X). Estas imagens são para introduzir a noção de palavra simples, palavra complexa, afixos e a derivação. Sobre o processo de derivação por composição, há uma imagem na página 73 que fala da previsão meteorológica, a qual vai ser utilizada pelo autor da gramática, Leonel Costa, usando as palavras que nela se encontram que são: "fim de semana" e "guarda chuva", para a sua contextualização.

Na *Super Gramática*, de Conceição Dinis & Luís Ferreira, inicia-se o tema em estudo com a diferença entre palavra variável e palavra invariável. Segue-se a introdução da palavra simples e complexa através de um poema, de Conceição Dinis, com o título "Água". Trata-se de um texto inédito, que fala da "água", servindo esta palavra para identificar a palavra simples e todas aquelas que se formam a partir dela, como "aguaceiro", que é classificada de palavra complexa. Em relação às palavras derivadas por composição surgem duas imagens para a introdução do tema (anexo XI).

Ainda sobre a palavra complexa por derivação, este tema aparece no livro, *À Descoberta da Gramática*, através de um poema, na página 162, "Mentira/Verdade", de António Torrado, encontrando-se neste poema cinco palavras a negrito que são: "sagazmente", "desmente", "descoberto", "desmascarado" e "dinamarquês", as quais são derivadas

por prefixação ou por sufixação. Estas palavras têm como fim a realização de exercícios sobre a derivação. Na página seguinte, existe um quadro que apresenta os processos de derivação (anexo XII).

Por fim, na gramática *Aprender a Gramática 4*, a formação de palavras tem início com a apresentação de dois grupos de palavras, cada um com três palavras, as quais são formadas a partir de outras. A um dos exemplos juntou-se o sufixo <-eiro> e no outro grupo o prefixo <in->. Clara Amorim & Vera Costa dão exemplos de palavras com o sufixo e o prefixo referenciados. Na página 73 surgem as palavras complexas, em que se explica que estas podem ser formadas por combinação de radicais ou palavras, muitas das vezes unidas por um hífen (anexo XIII).

De um modo geral, todas as gramáticas na apresentação do tema, a formação de palavras, realizaram a distinção entre a palavra simples e a palavra complexa. Ainda abordaram a derivação por prefixação e sufixação e a composição de palavras. Em relação, à forma como o tema foi apresentado, nenhuma segue a mesma metodologia. Temos, desta forma, nas gramáticas analisadas, as seguintes formas como foi introduzido o tema: através de pequenas bandas desenhadas, de pequenos poemas, de textos, de palavras retiradas de textos a negrito, com grupos de palavras e através de imagens com frases simples.

## **2.2. A explicação do tema em cada gramática**

Depois de termos analisado, no subcapítulo anterior, as sete gramáticas, na parte relacionada com a apresentação do tema, a formação

de palavras, passamos agora à parte da explicação do tema em cada uma das gramáticas.

Começando pela *Escolar Gramática*, na página 98, apresenta-se uma banda desenhada com cinco palavras a negrito as quais são: “cauteloso”, “enfarinhada”, “clarear”, “patorra” e “peluda”. Estas palavras vão ser utilizadas num exercício para os alunos ligarem à palavra de onde derivam. No final da página, existe um pequeno resumo sobre o que são palavras variáveis, invariáveis, simples e complexas. As autoras Albertina Rocha & Carla do Lago terminam o assunto com uma chamada de atenção para as palavras complexas que sofrem alterações através do processo de derivação ou composição. No término de cada tema há uma repetição do que foi dito anteriormente, acrescentando-se, no caso da derivação, que: “todas as palavras derivadas da mesma palavra primitiva formam uma família de palavras (ex: “flor”, “florista”, “floreira”)” (Rocha & Lago, 2011: 99).

Na página 100, há ainda uma elucidação sobre como surgem as palavras complexas, as quais podem derivar por prefixação, sufixação e parassíntese. Para cada um dos casos, ocorre uma explicação e é apresentado um exemplo. No caso da prefixação, apresenta-se como exemplo “infeliz”, na sufixação “cavaleiro” e na parassíntese “enfarinhada”. Na página 101, conclui-se o tema da derivação com um resumo parecido com tudo o que foi dito anteriormente.

Em relação às palavras complexas, Rocha & Lago (2011: 102) expõem ainda o seguinte: “Outro processo para formar palavras complexas é por composição, isto é, quando se associam duas ou mais palavras ou radicais de palavra-base”. Neste processo de formação de palavras complexas por composição são explanados vários exemplos de combinação: palavra mais palavra como em “guarda-chuva” e “cor de

laranja”, radical mais palavra, no caso “sociocultural”, e radical mais radical, em que existe uma pequena explicação para este caso, referindo-se que geralmente há uma vogal de ligação entre eles, como no caso da palavra “inseticida” (anexo XIV).

Em *A minha primeira Gramática*, na parte onde há referência às palavras simples e às palavras complexas, Cláudia Franco & João Grácio (2012: 42) afirmam que as palavras simples são formadas apenas por um radical apresentando como exemplos as palavras “fato” e “casa”, enquanto as palavras complexas apresentam um radical ou a junção de mais do que um radical, sendo os exemplos apresentados “suficientemente” e “guarda-chuva.” Na página 44, onde se dá o término do tema, a formação de palavras, os autores, anteriormente mencionados, expõem uma explicação sobre a formação de palavras por derivação. Nesta parte é referido como ocorre a prefixação, a sufixação, bem como a prefixação e a sufixação ao mesmo tempo.

Por fim, há uma alusão à composição de palavras, as quais podem formar-se com duas ou mais palavras base, a partir da junção de um radical com uma palavra, de dois radicais ou de um radical mais uma palavra. Os autores terminam dando exemplos de palavras que reúnem as explicações dadas, como é o caso de “cor-de-rosa”, “guarda-chuva”, “agricultura” e “psicologia”.

Nos *Segredos da Gramática*, após existir uma apresentação de exemplos sem ser atribuído qualquer nome, aparece, na página 81, um quadro com definições em relação aos processos de formação de palavras. Começa-se pelas palavras simples e de seguida passa-se às palavras complexas, que podem ser formadas por derivação ou por composição. Ainda na mesma página há outro quadro dividido em duas

colunas com três linhas, em cada uma delas há referência ao significado de radical, de prefixo e de sufixo (anexo XV).

Em relação à *A minha Gramática*, Leonel Costa (2012: 72) parte da palavra simples para explicar como se forma uma palavra complexa, juntando à palavra simples uma partícula/afixo o qual modifica o significado desta. O autor da obra parte da palavra “feliz”, a qual pode formar uma palavra complexa “infeliz”. Por sua vez, com a junção do afixo <-mente> forma-se a palavra “felizmente”. Ainda com o acrescentar do afixo <in-> forma-se uma terceira palavra “infelizmente”, a qual também é uma palavra complexa.

No meio da página é desenvolvido o processo de derivação das palavras, o qual se verifica, segundo Leonel Costa, quando se juntam afixos às palavras, passando estas de palavras simples a palavras complexas. No final da mesma página, é dito que o afixo pode estar no início ou no final de uma palavra. Nesta parte há uma breve elucidação sobre a derivação das palavras por prefixação quando o afixo/prefixo estiver no início da palavra e são dados alguns exemplos como: “injusto”, “recomeço” e “desenlace”. Ainda é referido que as palavras podem derivar por sufixação quando o afixo/sufixo se encontrar no final da palavra e exemplifica-se com: “alegremente”, “caloroso” e “interessante”. Por fim, referem-se as palavras que derivam por prefixação e sufixação, dizendo que este processo é a parassíntese expondo as palavras: “infelizmente” e “independentemente”.

Ainda sobre as palavras complexas, Leonel Costa (2012: 73) termina com a seguinte afirmação: “Há outras palavras complexas que são formadas por duas ou mais palavras, que podem estar, ou não, unidas por hífen. A este processo chamamos composição”.

Na *Super Gramática*, Conceição Dinis & Luís Ferreira (2012: 17) dão o exemplo de uma palavra simples e de outras que derivam dela, chamando-as complexas. Nesta parte, há referência sobre o que é o radical de uma palavra, dando o exemplo de “água” que tem um único radical, por isso, é uma palavra simples e todas que se formam a partir dela, como “aguaceiro,” são palavras complexas. Estes autores terminam com uma conclusão de que todas as palavras complexas têm um radical: “O radical é o elemento básico da palavra. Tem significado, mas não varia” (2012: 17). Nesta explicação, dão-se vários exemplos de palavras que possuem o mesmo radical tais como: “leite”, “leitinho”, “aleitar”, “leitão”. No final destes exemplos indicam que <leit> é o radical destas palavras.

Neste manual, os autores, na página 18, chamam a atenção para as palavras que se formam por derivação por possuírem afixos que se juntam à base da palavra, os quais poderão ter o nome de prefixos ou de sufixos, conforme a sua posição em relação à base. Há ainda alusão à união de um sufixo e de um prefixo ao mesmo tempo na mesma palavra. Partindo destas explicações, é mencionado que os afixos não são palavras independentes da língua, por isso, nunca aparecem sozinhos, tendo significado regular. É dado como exemplo o prefixo <in->, o qual mostra negação e o sufixo <-eiro> que significa ocupação.

De seguida, passa-se à apresentação de um quadro com dois prefixos (<des-> e <re->), explicando que no primeiro caso o seu significado é de negação e no segundo caso representa ocupação. Para cada um deles os autores apresentam respetivamente as palavras “descontente” e “reler”. Ainda existe outro quadro semelhante ao anterior só que possui dezassete sufixos (anexo XVI). Existindo assim na gramática uma grande diferença entre o número de sufixos e de prefixos



que apresenta. Para finalizar este assunto, é dito que a partir de um nome se pode formar um verbo e também um adjetivo.

Nesta gramática, sobre a composição de palavras complexas, é mencionado que estas formam-se através de radicais ou forma de base existentes. Dá-se exemplos de palavras formadas por composição que podem ter significado diferente de cada uma das palavras que lhes deram origem (“aguardente”, “girassol”). Ainda nesta parte é chamada a atenção para as palavras complexas que se formam a partir de um verbo na 3ª pessoa do singular, no presente do indicativo, o qual se junta a um nome, estando estes dois elementos separados por um hífen (“tira-teimas”, “guarda-redes”).

Em *À Descoberta da Gramática*, a explicação do tema, a formação de palavras, na página 162, aparece a partir de um texto que já mencionámos “Mentira/Verdade”, de António Torrado, em que o aluno, a partir de palavras retiradas do texto, “desmente,” “descoberta” “desmascarada”, tem de identificar se o elemento comum nas palavras que as formam se encontra à direita ou à esquerda da palavra. Na página seguinte existe um quadro com a explicação de como se podem formar novas palavras através da junção de afixos, chamando-se a este processo derivação. No mesmo quadro há um esquema em que aparece a derivação por prefixação e por sufixação, com uma breve explicação de como se faz a colocação do prefixo e do sufixo nas palavras simples. Apresentam, Clara Amorim & Vera Costa (2012: 163), como exemplo para a prefixação os prefixos <des->, <re->, <in->, dando origem às seguintes palavras: “desmentir”, “repor” e “injusto”. Para a sufixação indicam os sufixos, <-mente>, <ês> e <-oso> nas palavras seguintes: “sagazmente”, “dinamarquês” e “carinhoso”.

Este assunto termina com uma breve exposição sobre o que se entende por palavras complexas, referindo-se que estas são combinadas por dois ou mais elementos, por radicais ou palavras e que muitas vezes se encontram unidos por um hífen.

Em *Aprender a Gramática 4*, parte-se de palavras dadas, divididas em base mais sufixos ou base mais prefixos, conforme os exemplos apresentados. Como conclusão, Clara Amorim & Vera Costa (2012: 69) dizem que “podemos formar novas palavras acrescentando afixos (prefixos ou sufixos) a outras palavras. Este processo de formação de palavras chama-se derivação.” Por fim, há uma conclusão em que é explicado que existe a derivação por prefixação, quando se junta um prefixo à esquerda da base, e há por sufixação, quando se junta um sufixo à direita da base. Sobre as palavras complexas é referido que “são formadas através da combinação de radicais ou palavras, muitas vezes unidos por hífen” (Amorim & Costa, 2012: 73).

Numa síntese, relativa ao estudo que efetuámos sobre as gramáticas analisadas, verificámos que todas dedicam um capítulo à formação de palavras. Ainda pudemos observar que na explicação do tema, a formação de palavras, os autores das gramáticas partem de palavras isoladas ou retiradas de algum texto ou de exercícios que os alunos vão executando, para darem as respetivas explicações sobre os seguintes conteúdos: a noção de radical, afixo, prefixo, sufixo, palavra simples, palavra complexa, derivação por prefixação e por sufixação e palavras compostas. Nalgumas gramáticas, como foi mencionado, há a apresentação de quadros com o significado de alguns prefixos e de alguns sufixos.

Em relação, à explicação das palavras formadas por composição, há menos informação do que da derivação. De um modo geral, as

gramáticas limitam-se a referir que a composição de palavras pode acontecer com a utilização de hífen ou da junção de duas palavras, apresentando poucos exemplos para a composição de palavras.

No final do tema, cada gramática apresenta um breve resumo dos assuntos que explicou anteriormente. A exceção a esta organização recai na gramática *A Aprender gramática* que inicia o tema pelas definições para cada conteúdo.

### **2.3. Tipo de exercícios observados nas gramáticas**

Por fim, terminamos a análise das gramáticas com a observação dos exercícios que apresentam. Como já citámos, nalgumas gramáticas os exercícios foram usados para a apresentação e explicação do tema, a formação de palavras. Neste subcapítulo, pretendemos analisar qual o tipo de exercícios que as gramáticas analisadas apresentam aos alunos do 1º CEB, destinados ao 3º e 4º anos.

Na *Escolar Gramática*, dá-se um exercício para o aluno procurar três palavras complexas no diálogo apresentado. Seguindo-se um exercício em que os alunos têm de copiar das palavras dadas a base, o prefixo ou o sufixo que as formam.

De seguida, na página 101, aparece um quadro com cinco colunas distribuídas da seguinte forma: palavra, base, prefixo, sufixo e o seu significado. Este quadro pretende mostrar que na junção de prefixos ou sufixos se pode obter qualidades, ação, negação, profissão ou agente da ação, naturalidade, repetição, grau aumentativo e diminutivo e de comportamento. É ainda sugerido um exercício para que o aluno, a partir das seguintes palavras: “coragem”, “agrado” e “chuva” possa formar

adjetivos, pelo processo de sufixação. Ao tema da derivação de palavras esta gramática dedica quatro exercícios.

Na parte da formação de palavra por composição, na página 102, iniciam-se os exercícios com um pequeno quadro, com seis frases, em que o aluno terá de colocar verdadeiro ou falso, à frente de cada afirmação. Na página seguinte, aparecem dois exercícios de tipo tabela, em que num deles os alunos têm uma lista de palavras, as quais são para serem colocadas na respetiva coluna: palavra mais palavra, radical mais palavra e radical mais radical.

Por fim, há um exercício, no qual os alunos terão de completar um quadro, copiando as palavras que são dadas para as colunas que dizem: derivação por prefixação, sufixação, parassíntese e composição.

Na *A minha primeira Gramática* há apresentação de um texto, na página 43, cujo o título é *O pirilampo*, de Maria Isabel Moura, do livro *Vou dar pontapés na lua*. Sobre este texto existem dois exercícios. Num, os alunos assinalam com uma cruz, entre seis palavras, três que sejam complexas; no outro, das palavras que indicarem, têm de separar o seu radical do prefixo ou do sufixo, conforme seja a sua derivação.

No final do tema, processos de formação de palavras, há um quadro para ser preenchido, o qual é composto por cinco colunas: numa estão as palavras a analisar, três colunas estão relacionadas com a derivação por prefixação, sufixação e prefixação e sufixação e a última é destinada à composição. Os alunos simplesmente têm de colocar uma cruz na coluna a que corresponde cada palavra. Este livro dedica três exercícios ao tema (anexo XVII).

Por sua vez, *Os Segredos da Gramática* termina o capítulo dedicado aos processos de formação de palavras com atividades sobre vários temas que foram abordados. Apresenta apenas um exercício

relacionado com a formação de palavras, o qual consiste no seguinte: os alunos terão de formar livremente palavras por derivação que conheçam, seguindo o exemplo dado com o prefixo <des-> (“desocupar”) e com sufixo <-or> (“cantor”).

Em *A minha Gramática*, na página 73, há apresentação de um exercício composto por quatro frases para que os alunos sublinhem as palavras complexas. No exercício seguinte, os alunos copiam as palavras complexas e circundam a vermelho os prefixos e a verde os sufixos. No último exercício, há seis palavras para os alunos construírem palavras complexas, usando hífen nalgumas e noutras juntando-as numa só palavra (anexo XVIII).

Em *Super Gramática*, na página 18, há três exercícios. No primeiro, os alunos partem das imagens de “carro” e de “casa,” que são palavras simples, para formarem palavras complexas. No segundo exercício, há um provérbio em que é necessário sublinhar as palavras derivadas que o formam. No terceiro exercício, é dado aos alunos a palavra “empedrar”, em que os alunos têm de escrever o radical, o prefixo e o sufixo que nela se encontram. Na página seguinte, há dois quadros com o significado de alguns prefixos e sufixos. No final, há dois exercícios para o aluno tentar escrever outras palavras, com os prefixos e os sufixos apresentados anteriormente. Por fim, no último exercício, são dadas seis palavras, as quais são nomes comuns, para que os alunos formem a partir delas verbos ou adjetivos (anexo XIX).

Na página 20, da *Super Gramática*, após a explicação sobre as palavras formadas por composição, é exposto um exercício com doze palavras para que os alunos formem com elas palavras complexas. Para terminar o tema há uma ficha de avaliação com cinco exercícios sobre o que foi explorado anteriormente. No primeiro exercício são dadas seis

palavras para o aluno escrever se são palavras simples ou complexas. O segundo exercício é formado por uma regra sobre a formação de palavras complexas, com lacunas, em que o aluno terá de colocar sufixo ou prefixo nos espaços dados. No terceiro exercício, são expostos seis sufixos, para serem colocados à frente de seis nomes comuns, de modo a formarem-se palavras complexas. No quarto exercício, são dadas duas palavras para que seja acrescentado ao mesmo tempo um prefixo e um sufixo, de modo a escreverem-se palavras derivadas das que foram sugeridas. O quinto exercício é para que o aluno descubra qual é a palavra composta com a palavra “tira” e a palavra “olhos” e para escrever o seu significado (anexo XX).

Em *Á Descoberta da Gramática*, sobre a parte da derivação das palavras, existem dois exercícios. Num exercício o aluno tem de identificar e sublinhar o elemento comum em três palavras. De seguida, tem de assinalar se este elemento (que é o prefixo <des->) está à direita ou à esquerda da palavra e, por fim, dizer o significado desse elemento. Há ainda um exercício para os alunos identificarem nas palavras “sagazmente” e “dinamarquês”, quais foram as palavras que lhe deram origem. Por fim, em relação às palavras anteriores, os alunos têm de assinalar se o elemento que se juntou está à esquerda ou à direita do radical da palavra.

Na página 163, da gramática mencionada anteriormente, aparece um exercício com nove palavras simples, para que o aluno forme novas palavras recorrendo aos prefixos e sufixos dados. Estes são quatro prefixos e cinco sufixos e encontram-se num quadro, em que à frente de cada um está o seu significado (anexo XXI).

Em *Aprender a Gramática 4*, o primeiro exercício parte de uma frase, de onde se retira a palavra “sapateiro”, a qual se encontra inserida

num diagrama, para que o aluno escreva a palavra que está na base desta e de outras da mesma família. No seguimento do exercício anterior, surge mais um, onde os alunos têm de registar as palavras que descobriram e qual é a parte que não sofreu alteração.

O segundo exercício é composto por oito quadros, nos quais o aluno terá de formar palavras derivadas, juntando sufixos dados à base das palavras que se encontram em cada quadro, sendo os seguintes sufixos: <-aria>, <-mento>, <-or>, <-dor>, <-oso>, <-vel>, <-eza>, <-mente> e <-ar>. Para cada sufixo há o seu significado (anexo XXII). O terceiro exercício, na página 72, encontra-se dividido em três alíneas, cada uma tem um prefixo para juntar à base das palavras dadas, as quais são cinco. Também aqui é dado o significado de cada um. O quarto exercício, da mesma página, é formado por cinco frases, onde é pedido que o aluno sublinhe em cada uma delas as palavras complexas que estão presentes. A seguir, com as palavras sublinhadas, o aluno terá de as colocar num quadro, em que escreve a palavra derivada, numa coluna e o seu prefixo noutra coluna.

Em relação à parte em que se fala das palavras complexas, página 73, os exercícios aparecem em dois quadros. No primeiro quadro, o aluno tem que riscar a palavra que não pertence ao conjunto. O segundo quadro apresenta-se com três colunas: na primeira encontram-se catorze palavras complexas, as quais têm de ser assinaladas com uma cruz na coluna da palavra derivada, ou na coluna para as palavras compostas (anexo XXIII).

Numa conclusão sobre o tipo de exercícios que analisámos verificámos que estes variam de gramática para gramática, apesar de que, de um modo geral, são todos muito semelhantes. A grande maioria dos exercícios consiste em copiar palavras dadas, o radical, o prefixo ou

sufixo, ou, então, sublinhar estes termos gramaticais em palavras ou frases dadas. Há ainda quadros compostos por colunas, com prefixos e sufixos para que os alunos os completem com as palavras dadas. Ainda podemos acrescentar os exercícios de escolha múltipla que recorrem ao verdadeiro e ao falso, assim como aqueles que sugerem um exemplo para os alunos formarem palavras por derivação, sugerindo o prefixo ou o sufixo a utilizar.

Todas as gramáticas trazem exercícios relacionados com a prefixação e sufixação. No entanto, quanto à composição das palavras, há uma grande limitação, uma vez que apenas a *Super Gramática*, a *Escolar Gramática* e *A minha Gramática* (anexo XVIII) apresentam exercícios diversificados sobre a composição de palavras. Por sua vez, *A minha primeira Gramática* sugere um exercício numa tabela, misturado com exercícios de derivação por prefixação e sufixação. Temos de mencionar que em *Aprender Gramática 4* tem apenas um exercício sobre composição de palavras misturado com a derivação, como podemos ver no anexo XXIII. Há ainda a referenciar que *Segredos da Gramática* e *À Descoberta da Gramática* não dedicam nenhum exercício à composição de palavras.

## **2.4. Reflexão sobre as gramáticas analisadas**

Ao analisarmos as gramáticas verificámos que, de um modo geral, todas abarcam os conteúdos que os alunos devem dominar no final de um 1º Ciclo e que são: fazer a diferenciação entre palavra simples e complexa, distinguir radical de afixos, perceber a diferença entre prefixos de sufixos e reconhecer as palavras formadas por derivação e por



composição. Estes conteúdos encontram-se no PPEB e nas Metas Curriculares de Português do Ensino Básico.

Vejamos, agora, o que nos diz o Programa de Português do Ensino Básico (2009) sobre o tema da formação de palavras. Este assunto encontra-se na parte do CEL destinado ao 3º e 4º anos. Os descritores de desempenho são os seguintes: “distinguir palavras simples e complexas; identificar os processos de formação de palavras”. Relativamente aos conteúdos, o aluno terá de saber o seguinte: o que é a palavra, a palavra simples, a palavra complexa, o radical, o sufixo, o prefixo, a derivação por prefixação e sufixação e a composição. Nas Metas Curriculares de Português do Ensino Básico (2012), o tema da formação de palavras encontra-se dividido por anos. Desta forma, o tema referenciado, é destinado ao 3º e 4º anos e o aluno tem de saber: identificar radicais de palavras de uso mais frequente; identificar afixos de uso mais frequente; produzir novas palavras a partir de sufixos e prefixos. Apenas no 4º ano o aluno terá de distinguir palavra simples de complexa.

Numa breve síntese, podemos observar que no PPEB, para o 3º e 4º anos, nos descritores de desempenho, o aluno deve saber diferenciar palavras simples e complexas e identificar os processos de formação de palavras. Por isso, devem ser abordados os seguintes conteúdos: a palavra, a palavra simples, a palavra complexa, o radical, o prefixo, o sufixo, a derivação por prefixação e sufixação e, por fim, a composição de palavras. Porém, nas Metas Curriculares de Português do Ensino Básico, sobre o tema em estudo, a formação de palavras, os assuntos encontram-se divididos pelo 3º e 4º anos.

No seguimento da análise das Metas Curriculares de Português do Ensino Básico, observamos que em relação aos radicais os alunos no 3º ano devem identificar os radicais de maior ocorrência, enquanto no 4º

ano devem saber reconhecer radicais. Quanto às propostas relacionadas com este tema, para o 3º ano são: identificar afixos de uso mais frequente e produzir novas palavras a partir de sufixos e prefixos. Por sua vez, para o 4º ano aparece o seguinte: identificar prefixos e sufixos utilizados frequentemente, distinguir palavras simples e complexas e produzir novas palavras a partir de sufixos e prefixos.

Podemos concluir que entre os PPEB e as Metas Curriculares de Português, em relação à formação de palavras, existem poucas diferenças quanto aos assuntos que são abordados. Ao analisarmos as Metas Curriculares, verificamos que nestas os conteúdos estão distribuídos por anos de escolaridade, enquanto no PPEB se encontram programados aos dois anos de escolaridade. Há ainda a referir que no PPEB não há alusão à palavra “afixo”, existindo este termo nas Metas Curriculares, na parte concernente ao 3º ano. No PPEB existe referência à composição de palavras e nas Metas Curriculares não se faz qualquer menção a este assunto.

No final da análise que efetuamos das gramáticas, abordando a apresentação do tema, a explicação do tema/teoria, os tipos de exercícios apresentados, o número de exercícios e número de páginas que cada uma dedica ao tema, a formação de palavras, podemos observar que todas as gramáticas tratam os aspetos referenciados. O que verificamos é que nem todas as gramáticas dão a mesma relevância ao tema, pois umas gramáticas abordam mais um conteúdo do que de outro, sendo as formas de abordagem e de desenvolvimento igualmente variáveis. Podemos constatar que das sete gramáticas analisadas as mais completas, neste tema, são *A Super Gramática* e a *Escolar Gramática*. E como já mencionámos, anteriormente, a parte relativa às palavras compostas está pouco desenvolvida em comparação com a derivação das palavras.

Em relação à forma como apresentam o tema, a formação de palavras, pensamos que todas as gramáticas o fazem de um modo pouco apelativo. Há as que apresentam duas pequenas bandas desenhadas como, *a Escolar Gramática*, ou um texto como as gramáticas, *A minha primeira Gramática* e *À Descoberta da Gramática*, e, um pequeno poema na *Super Gramática*. Porém, *A minha primeira Gramática* e *À Descoberta da Gramática* acabam por utilizar os mesmos textos na realização de exercícios, não sendo apenas destinados à introdução do tema. Na verdade, estes textos são sobretudo usados para a concretização de exercícios com palavras que constam neles, do que para apresentarem o processo de formação de palavras e a sua explicação. As gramáticas, *Segredos da Gramática*, *A minha Gramática* e *Aprender Gramática 4* não possuem textos para explorar o tema, nem para a realização de exercícios.

*A minha Gramática* parte de três imagens legendadas com frases muito básicas para o ano de escolaridade do aluno. Depois temos a *Super Gramática*, a qual apresenta um poema, de Conceição Dinis, com sete versos e composto por dezasseis palavras, de onde são retiradas duas palavras para a introdução do tema. Somos da opinião de que o poema escolhido, “Água”, na página 17, é muito simples e pouco atrativo para a faixa etária a que se destina.

Por fim, as gramáticas *Aprender a Gramática 4* e *Segredos da Gramática* abarcam o tema sem qualquer contextualização. No primeiro caso, apresentam-se grupos de palavras todas com a mesma base, à qual se juntou um prefixo ou um sufixo. É, desta forma, que se introduz a palavra complexa. Não existe alusão à palavra simples apenas às complexas por derivação e por composição. No segundo caso, apresentam-se três páginas expositivas sobre todos os assuntos relativos à

formação de palavras, tornando-se pouco agradável a forma como é exposto ao aluno. Não se verifica qualquer descoberta por parte deste, existindo simplesmente o explanar de regras.

Passando à explicação, na parte teórica, todas as gramáticas analisadas abordam o termo radical ou base da palavra, os afixos, que são os prefixos ou sufixos, e a derivação por prefixação e por sufixação. Sobre a derivação, só a *Escolar Gramática* e *A minha primeira Gramática* introduzem a noção de parassíntese, apesar de este termo aparecer quando se usa em simultâneo um prefixo e um sufixo. Não existe esclarecimento para os casos em que podem estes dois encontrar-se na palavra e não existir a parassíntese. Na segunda gramática, dá-se o exemplo de “infelizmente”. Este exemplo não é aceite, porém, alguns autores como sendo uma palavra derivada por parassíntese, pois tem as fases intermédias dos derivados, “infeliz” e “felizmente”. Neste caso, Leonel Costa podia ter escolhido uma outra palavra para dar o exemplo que não fosse ambígua. Como já verificámos anteriormente, para alguns autores a parassíntese é frequente na formação de verbos, recusando que palavras como “infelizmente” e outras sejam consideradas na sua formação como parassintéticas.

Ainda sobre o tema, a derivação, a *Super Gramática* é a única que refere que uma palavra pode ter ao mesmo tempo um prefixo e um sufixo, mas não introduz o termo parassíntese. Temos que alertar para o facto de o termo parassíntese não fazer parte do Programa de Português do Ensino Básico, para o 1º Ciclo, nem constar nas Metas Curriculares de Português. Daqui, que seja compreensível que estas gramáticas não falem neste tipo de derivação. As outras gramáticas limitam-se a mostrar exemplos, separados, com prefixos e sufixos.

Dando seguimento à análise efetuada, relativamente à composição de palavras este tema já é apresentado de várias maneiras. Nas gramáticas *Escolar Gramática*, *A minha primeira Gramática*, *A minha Gramática* e *Super Gramática* refere-se que na composição pode existir a combinação de palavra mais palavra, radical mais palavra e radical mais radical. Menciona-se ainda que nalguns casos, as palavras podem ter na sua ligação o hífen. Já em *Descoberta da Gramática* e *A Aprender a Gramática 4* menciona-se que as palavras complexas podem ser combinadas por dois ou mais elementos, por radicais ou palavras, não explicando como pode ser feita esta combinação. Termina-se o assunto das palavras complexas, reforçando a ideia de que a maioria das vezes estas encontram-se unidas por um hífen.

Por último, *Segredos da Gramática* só faz alusão às palavras compostas apenas com hífen: o que torna esta explicação muito pobre e longe do que se pretende com o estudo das palavras compostas. Esta gramática menciona simplesmente um processo de composição e em *Aprender a Gramática 4*, refere-se que a generalidade das palavras se liga por hífen. Estas gramáticas não refletem as alterações indicadas no novo acordo ortográfico, em que algumas palavras deixaram de ter hífen. Sobre este aspeto achamos que todas as gramáticas por nós analisadas estão incompletas sobre o uso ou não uso do hífen, nas palavras compostas.

Em consonância com o novo acordo ortográfico (1990) que veio simplificar e reformular as regras do uso do hífen, as gramáticas deveriam desenvolver mais esta regra, na formação de palavras por composição. Desta forma, o novo acordo ortográfico determinou que o hífen fosse retirado em certas palavras compostas por dois elementos e nalgumas situações: “Quando o prefixo ou falso prefixo termina em

vogal e o segundo elemento começa por <-r->, duplica-se a consoante” (Pacheco, 2012: 41). De acordo com Bernardino Pacheco (2012: 41), o falso prefixo é o elemento não autónomo que acaba por funcionar como prefixo. Por sua vez, o prefixo é o elemento que vem antes de uma palavra. Há ainda supressão do hífen “quando o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por s, duplica-se a consoante” (Pacheco, 2012: 42).

Constata-se ainda a supressão do hífen ”quando o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente” (Pacheco, 2012: 43). O mesmo acontece com o prefixo <co-> quando o segundo elemento se inicie por <- o->. Temos ainda de lembrar que na maior parte das locuções este desaparece, apesar de algumas exceções. Há ainda a supressão do hífen nas formas verbais do verbo “haver”, quando este está acompanhado da preposição “de”.

Na verdade, e como já foi dito, o hífen mantém-se nos compostos que representam espécies botânicas ou zoológicas, assim como nos prefixos <hiper->, <inter-> e <super->, quando o segundo elemento começa por <- r->. Não se deve esquecer ainda as palavras cujo prefixo principia por <pós->, <pré-> e <pró-> e também as palavras formadas pelo prefixo <ex-> e <vice->, em que o hífen se preserva igualmente. Mantem-se ainda “quando o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa pela mesma vogal” (Pacheco, 2012: 49). Terminamos, referindo que o uso do hífen se verifica em palavras cujos prefixos <circum-> e <pan-> antecedem o segundo elemento que começa por uma vogal ou pelas consoantes <h>, <m> ou <n>.

Neste sentido, achamos que algumas das regras que expusemos sobre o uso do hífen nalgumas situações e a sua supressão noutros casos, deveriam constar das gramáticas que analisámos.

Ainda sobre a composição de palavras complexas, a gramática mais completa é a *Super Gramática*. Além do que referimos anteriormente, sobre as várias formas que existem para a composição de palavras, ainda acrescenta que as palavras formadas por composição podem possuir significado diferente de cada uma das palavras que lhes deram origem. Chama-se, nesta gramática, a atenção para as palavras complexas que se originam a partir de um verbo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, o qual se vai juntar a um nome, sendo separado por um hífen. Como referimos atrás, esta gramática é a única que menciona: “as palavras compostas que designam espécies botânicas ou zoológicas apresentam hífen. Ex.: couve-flor ou peixe-espada” (Dinis & Ferreira, 2011: 20).

Quanto ao número de páginas que cada manual dedica ao assunto, em estudo, estas variam entre duas a quatro páginas, sendo de duas para todos os manuais exceto a *Aprender a Gramática 4*, em que há três e a *Escolar Gramática* que dedica quatro páginas assim como a *Super Gramática*. Ainda quanto ao número de exercícios que cada uma apresenta, há uma grande disparidade, isto porque *Segredos da Gramática e A minha Gramática* têm dois exercícios; *A Descoberta da Gramática* expõe seis; *A minha primeira Gramática* tem sete; a *Escolar Gramática* aparece com onze assim como a *Super Gramática* e, por fim, a *Aprender Gramática 4* apresenta dezassete exercícios. Apesar de não ser a gramática com mais exercícios a *Escolar Gramática* é a que se encontra, na nossa opinião, mais completa, por ter exercícios diversificados sobre todos os conteúdos, servindo ainda alguns deles para consolidação de regras gramaticais. Por sua vez, *Aprender Gramática 4* apesar de conter o maior número de exercícios, estes são todos muito repetitivos, seguindo sempre um exemplo que é apresentado. Neste tipo

de exercícios, os alunos passam a realizar a tarefa quase automaticamente sem que estes encontrem a regra e a conclusão daquilo que estão a executar, como podemos ver no anexo XXII.

No seguimento do exposto, há ainda a referir que a *Super Gramática* é a única que apresenta uma ficha de avaliação sobre o tema, com cinco exercícios que abordam todos os conteúdos. *Segredos da Gramática* só apresenta no final da parte teórica, nas páginas dedicadas a atividades, dois exercícios, os quais não contemplam todos os assuntos que foram apresentados. No nosso entender, será a gramática mais incompleta, menos interessante no tema em estudo, a formação de palavras, porque das quatro páginas que dedica ao tema são todas de teoria, acompanhadas de exemplos com várias palavras, sem um pequeno texto ou até uma frase. O tema torna-se assim pouco aliciante para alunos de um 1º CEB.

Nesta análise, podemos ainda demonstrar que as gramáticas observadas apresentam exercícios muito parecidos, por vezes com palavras iguais, como: “casa”, “carro”, “feliz”, “infeliz”. Alguns exercícios mostram um grau de pouca dificuldade e são muito idênticos no modo como são elaborados. A maioria das gramáticas apresenta quadros para os alunos preencherem com palavras dadas. São quadros que podem estar relacionadas com a prefixação ou com a sufixação. Os alunos devem ligar palavras derivadas à que lhes deu origem. Por vezes, são exibidos grupos de palavras para os alunos descobrirem qual é a palavra primitiva.

Nesta sequência de exercícios, temos a registar os que são para sublinhar a raiz da palavra, colocar cruces no local correto da prefixação e da sufixação, formar palavras derivadas, seguindo exemplos dados, e em algumas frases há que sublinhar as palavras simples ou as complexas.



Há, ainda, exercícios para o aluno copiar as palavras complexas e circundar de acordo com as cores dadas os prefixos e os sufixos ou escrever à frente de um conjunto de palavras se é simples ou complexa. Uma das gramáticas, *Super Gramática*, tem várias palavras para os alunos ligarem por composição, sendo o exercício de alguma complexidade, é de grande utilidade para o aluno. O exercício proposto está dentro das regras do uso ou da supressão do hífen (anexo XXIV).

Depois das análises efetuadas, achamos que a formação de palavras deveria ser apresentada através de um texto em prosa, em poesia ou em banda desenhada, de uma lengalenga, em que por vezes há repetição de palavras começadas pelo mesmo radical, ou até de um texto dos próprios alunos. O que queremos enfatizar é que os materiais que acabamos de expor são atrativos para serem usados como contextualização na abordagem do tema a formação de palavras. Nestas faixas etárias se o tema é apresentado como um conjunto de regras em que algumas palavras servem de exemplo, não é motivador nem desperta, no aluno, interesse em pesquisar ou trabalhar sobre o conteúdo. É, pois, necessária a escolha de materiais linguísticos que se encontrem próximos da realidade dos alunos. Este aspeto é fundamental, porque aproxima a gramática do quotidiano do aluno. Neste sentido, “a abordagem dedutiva, coadjuvada pelos manuais, opõe-se a uma abordagem indutiva. Na perspetiva indutiva, o professor dá exemplos, coloca em evidência algumas das características do fenómeno linguístico, mas deixa os alunos encontrarem a regra e tirarem conclusões” (Xavier, 2013: 149).

Ao sermos expostos a certas formas de trabalhar os conteúdos gramaticais, no 1º CEB, não podemos esquecer, como já foi mencionado, que não se pode ensinar gramática sem ter em consideração o conhecimento prévio que o aluno já possui. Daí que os professores

devam estar preparados para adotar novas metodologias. Por isso, podemos afirmar: “ensinar gramática no 1º Ciclo visa desenvolver a consciência linguística das crianças, a qual, ao longo do seu percurso escolar, evoluirá para o estágio de conhecimento explícito” (Duarte, 2008: 18). Ainda, em relação à forma como abordar a gramática, Lola Xavier (2011: 40) refere-se ao autor inglês Richard Hudson (1992), o qual reflete sobre estas preocupações, verificando-se, deste modo, que estas não são exclusivas de Portugal. Este autor, Richard Hudson, questiona-se por onde se deve começar o ensino da gramática no 1º Ciclo:

A resposta que apresenta é iniciar esse estudo pela estrutura da palavra, classe de palavras, família de palavras e finalmente pela sintaxe, sem receios de misturar os vários domínios, pois uma das principais características da gramática é a ligação intrínseca entre as várias partes. (Xavier, 2011: 40).

Perante a possibilidade das tarefas propostas aos alunos não estarem de acordo com a sua idade, Natália Pires (2012: 311) refere que, por vezes, nem os exercícios nem as atividades propostas aos alunos, nem a avaliação das suas produções escritas têm em conta os diferentes estádios da aquisição da língua e de desenvolvimento linguístico. É, pois, importante refletir sobre a tipologia de exercícios a apresentar a cada faixa etária.

Reconhecemos que os exercícios devem estar adequados à faixa etária dos alunos, ser diversificados e devem apelar à descoberta, para que eles os realizem refletindo sobre as regras e sabendo aplicar o que aprenderam. Por isso, é importante que exista “a combinação entre a

pedagogia dos discursos, abordagem pela descoberta (...), a abordagem pelo ludismo e a abordagem com as TIC” (Xavier, 2013: 149). Caso contrário os alunos acabam por realizar exercícios parecidos várias vezes, e em situações novas, com outro tipo de exercícios, nem sempre conseguem aplicar o que fizeram anteriormente. Verificamos que as atividades que visam classificar e formular regras acabam por utilizar termos gramaticais: “Os termos gramaticais são instrumentos que permitem que toda a classe saiba exatamente de que unidade, propriedade ou regra se está a falar quando se usa esse termo” (Duarte, 2008: 18). Neste sentido, que não há necessidade que os alunos designem sem ambiguidade certos conceitos, é preciso, sim, que as crianças do 1º ciclo aprendam “algumas etiquetas gramaticais, que são o “envelope” de conceitos relevantes para a compreensão do modo como se organiza e funciona a língua” (Duarte, 2008: 18).

Na verdade o tema que temos vindo a analisar, a formação de palavras, não é tão fácil como aparentemente se possa pensar, pois a constituição morfológica das palavras é onde encontramos os elementos que revelam a existência de operações sintáticas. É através da aquisição da morfossintaxe que a língua da criança progride de uma mera ligação dos itens lexicais para uma linguagem mais elaborada. Podemos dizer que a morfossintaxe corresponde a todos os mecanismos que se podem usar para exprimir relações gramaticais e inclui não apenas a ordem das palavras, mas todos os morfemas gramaticais das línguas, quer sejam os livres ou presos.

Porém, na aquisição dos morfemas temos de ter em conta que os morfemas flexionais são os primeiros a serem adquiridos e estes não interferem na determinação da categoria sintática das palavras. Por outro lado, os morfemas derivacionais são de aquisição posterior e por vezes

tardia, participam nos processos da formação de palavras e circunscrevem a classe gramatical em que ocorrem. Estes morfemas determinam ainda o valor das categorias morfológicas, morfossintáticas e morfossemânticas.

Sobre o tipo de exercícios a trabalhar com os nossos alunos em relação à formação de palavras, Inês Duarte (2008: 30) sugere a utilização “de uma personagem de banda desenhada que usa uma língua em que todas as palavras começam por «puf-»”. Esta autora apresenta um pequeno texto com lacunas que os alunos têm que completar, com verbos da língua de Pufos. Em relação a este tipo de atividade, “as crianças enfrentam o desafio de flexionar pseudo-palavras, o que lhes permite focalizarem-se na forma” (Duarte, 2008: 30). Em relação aos exercícios mencionados, Inês Duarte (2008: 31) refere o seguinte:

As atividades propostas visam exercitar e consciencializar a forma e o significado de prefixos e sufixos derivacionais. Podem constituir o ponto de partida para momentos de sistematização dos prefixos e sufixos que entram nos processos morfológicos de formação de palavras mais produtivos no português moderno.

Deste modo, “as atividades de desenvolvimento da consciência morfológica podem, num primeiro momento, não recorrer a qualquer metalinguagem gramatical” (Duarte, 2008: 30). Se o desenvolvimento da consciência linguística dos alunos for feito de forma que estes reflitam sobre a língua, sempre com a orientação do professor, como uma atividade de descoberta, estes acabam por ter métodos de trabalho típicos da investigação científica: “observação de dados, deteção de

regularidades, formulação de generalizações claras, teste dessas generalizações com novos dados” (Duarte, 2008: 16).

Dando seguimento ao que foi exposto, anteriormente, o estudo da gramática deve ser gradativo, “pois os elementos gramaticais apresentam hierarquias entre si “ (Xavier, 2013: 150). Deste modo, podemos referir que:

no domínio da Gramática, pretende-se que o aluno adquira e desenvolva regras e processos gramaticais da nossa língua, de modo a fazer um uso sustentado do português padrão nas diversas situações (...). O ensino dos conteúdos gramaticais deve ser realizado em estreita sintonia com atividades inerentes à consecução dos objetivos dos restantes domínios” (Buescu et al., 2012: 6).

Numa síntese, sobre o que expusemos, podemos afirmar que o PPEB e as Metas Curriculares de Português dizem-nos que, no final do 1º CEB, os alunos devem saber diferenciar palavra simples de complexa, prefixo de sufixo, identificar radical e os processos de formação de palavras por derivação e por composição. Na nossa análise das gramáticas, concluímos que todos os conteúdos mencionados se encontram nas gramáticas analisadas, numas mais desenvolvidos do que noutras.

Como foi perceptível, pelo que referenciámos, neste capítulo, a apresentação do tema nas gramáticas analisadas é pouco atrativa, longe do que se pretende no ensino da gramática atualmente. O qual deve estar interligado com outras atividades, deve ser contextualizado, partindo de excertos de textos de autores ou dos próprios alunos, ou de atividades lúdicas, as quais também são importantes na aula de português. Neste

trabalho pudemos observar que a explicação do tema é apresentada, sempre, através de uma regra e que os exercícios são muito repetitivos, de resposta fechada, seguem constantemente um exemplo dado, o que faz com que os alunos façam o trabalho sem refletir sobre o que estão a executar.

Concluímos que, da análise efetuada, as gramáticas que se encontram mais completas na abordagem do tema, na sua explicação e no tipo de exercícios apresentados, como foi referido ao longo do nosso trabalho, é a *Escolar Gramática* e a *Super Gramática*. É nossa convicção de que todas as gramáticas estão incompletas, em relação à composição de palavras, em que se use o hífen, porque não se referem ao acordo ortográfico, o qual acabou por simplificar e reformular as regras do seu uso, como já foi mencionado, atrás. Como podemos constatar, com o acordo ortográfico, há a supressão do hífen nalgumas palavras e mantém-se noutras. Apresentamos como exemplo, as seguintes palavras que deixaram de possuir hífen: paraquedas, contrarrelógio, contrassenso, autoestrada, cartão de visita, hei de, etc. Permanecendo em bicho-da-seda, estrela-do-mar, feijão-verde, pré-escolar, micro-ondas, anti-inflamatório, etc.

É ainda de referir, mais uma vez, que a gramática *Segredos da Gramática* só faz referência às palavras compostas por hífen, o que é uma grande lacuna, não existindo nenhuma menção ao acordo ortográfico, nem às alterações que este trouxe em relação ao uso do hífen.

## **CONCLUSÃO**





O tema, a formação de palavras, encontra-se, como já fizemos alusão nos capítulos anteriores, previsto no PPEB e nas Metas Curriculares de Português do Ensino Básico, como tema de estudo para o 1º CEB. Através do estudo da formação de palavras, o aluno entra em contacto com a produção de novas palavras, partindo de sufixos e de prefixos. Pode ainda organizar padrões de formação de palavras complexas por composição de duas ou mais bases, ordenar elementos em classes de palavras, saber estabelecer relações de significado entre palavras e distinguir uma palavra simples de uma complexa. Por fim, reconhecer os processos de formação de palavras contribui para que o aluno aumente o seu léxico, a sua capacidade de interpretar novas palavras e maior facilidade em formar família de palavras. Estes aspetos ajudam a melhorar a interpretação de enunciados e a capacidade para escrever textos.

Com o presente trabalho, pretendemos obter um melhor conhecimento acerca das gramáticas do 1º CEB, destinadas ao 3º e 4º anos de escolaridade, existentes no nosso mercado, sobretudo, em relação ao tema da formação de palavras. Perante a análise efetuada e as considerações que já fizemos, há que evidenciar que todas elas abordam os conteúdos propostos no PPEB e nas Metas Curriculares de Português do Ensino Básico. Porém, em relação a *Aprender Gramática 4*, refira-se que foi editada no ano de 2009, altura em que as Metas Curriculares ainda não tinham sido definidas e que também não se encontra em consonância com o acordo ortográfico.

Em relação ao tema, como é abordado, há a registar que todas as gramáticas podiam partir de textos de obras a que o Programa de Português faz alusão, de forma a que a formação de palavras não surgisse sem uma contextualização. Como refere Lola Xavier:

”Independentemente da abordagem escolhida, ou das combinações possíveis, a palavra-chave do início da atividade é a contextualização” (2013: 149).

O ensino da gramática deve ser feito através de textos de tipologias variadas, adequados às diferentes situações que estejam sendo vivenciadas pelos alunos. Esses textos poderão ser de autores ou até produzidos pelos próprios alunos individualmente ou coletivamente. Isto não significa que se use só esta metodologia, mas que coexista combinação de várias, para que o aluno entenda o que se pretende transmitir. Deve haver uma “escolha de materiais linguísticos que estejam próximos do real dos alunos, sobretudo nos primeiros anos do ensino básico (...), pois tal aproxima a gramática do quotidiano e destaca a importância do seu estudo” (Xavier, 2011: 41).

Quanto à forma como as gramáticas dão explicação para a formação de palavras, quase todas propõem regras e exemplos para cada conteúdo que apresentam sobre este tema. Por vezes, parte-se de exercícios para se expor a teoria sobre o tema. Esta situação acontece quando há um texto e de seguida surgem questões sobre ele, trabalhando, desta forma, os conteúdos gramaticais.

As gramáticas analisadas continuam, apesar de algumas mudanças, principalmente na parte gráfica, a utilizar quase as mesmas e usuais atividades de há muitos anos. O ensino da gramática não tem sofrido grande influência das novas metodologias, como referimos. Também se descarta a importância da contextualização dos temas a tratar e a diversificação de exercícios que apelem à descoberta do que se pretende transmitir.

O ensino da gramática não deve permanecer na base da regra pela regra, sendo explicada, por vezes, com palavras e frases soltas. É

necessário “ensinar gramática numa perspetiva articulada com outras competências” (Costa et al., 2011: 6). Deverá recorrer-se a várias abordagens, as quais poderão ser lúdicas, de materiais escritos, das TIC, de forma que, todas juntas, sejam importantes para “conhecer e aplicar estratégias de abordagem da gramática por intermédio da descoberta o que permitirá aos alunos sistematizarem o seu conhecimento implícito em conhecimento explícito e o seu conhecimento intuitivo em conhecimento metalinguístico” (Xavier, 2011: 40).

Nesta análise verificámos, ainda, que os exercícios explorados nas sete gramáticas estudadas são muito semelhantes e por vezes repetitivos, alguns são muito simples para alunos do 3º e 4º anos, como os que são de sublinhar, colocar uma cruz ou seguir sempre um exemplo dado. Os alunos precisam de exercícios que apelem à sua criatividade, que lhes permitam descobrir “como se faz”, sem terem que obrigatoriamente executar tarefas seguindo modelos. Devem realizar vários tipos de atividades, de forma a que os seus conhecimentos sejam abrangentes, para a execução de qualquer tipo de exercício.

Não podemos, todavia, considerar que tudo o que se encontra nas gramáticas analisadas está errado, porque também encontrámos alguns aspetos positivos. Há algumas gramáticas que introduziram o tema, partindo de uma pequena contextualização. Há também aquelas que não deram logo no início a regra dos conteúdos a abordar, mas que o tentaram fazer através da apresentação de pequenas frases ou imagens e de exercícios para explicarem o tema. Finalmente, há ainda, as que tiveram o cuidado de oferecer exercícios diferenciados e de acordo com a atualidade e o quotidiano dos alunos.

No entanto, achamos que é possível a conceção de gramáticas mais inovadoras, implementando estratégias e atividades que sejam

promotoras de práticas pedagógicas que vão ao encontro dos interesses dos alunos, das suas vivências e de uma nova forma de ver a gramática. O aluno deve sempre compreender os fenómenos gramaticais existindo, por isso, situações em que este os possa aplicar.

Perante a questão fundamental que colocámos no início do nosso trabalho, sobre o interesse do uso da gramática em contexto escolar, a resposta que damos é que é fundamental os alunos terem uma gramática para consultarem, executarem os exercícios propostos e compará-los com outros que já tenham observado. Apesar do que referimos, defendemos que uma gramática, só, não é suficiente para que o aluno adquira os conceitos gramaticais que deve saber e aplicar, no final do 1º CEB. É necessário que o professor, na sala de aula, ofereça ao aluno novos exercícios, que arranje novas estratégias para o ensino e aprendizagem da gramática, que trabalhe a abordagem pela descoberta, para que este, perante exercícios práticos que encontre nas gramáticas, reforce as suas aprendizagens.

O professor tem uma tarefa importante com os seus alunos, ao executar com eles atividades que desenvolvam o domínio gramatical. Ele deve ter em atenção:

as informações fornecidas deverão ser suficientes, não haverá informação que disperse a atenção, deverão permitir uma hierarquização da informação a partir dos casos mais simples para os mais complexos, de modo a que os alunos possam tirar conclusões em pequenos passos. (Xavier, 2013: 151)

Perante o que defendemos, no capítulo II, é importante valorizar o ensino da gramática, dando ênfase a atividades reguladas pela descoberta

e pelo treino, consolidando conhecimentos que foram construindo em várias situações. Para que exista sucesso, “no final, as palavras-chave deverão ser: criação/produção/interligação entre domínios do Português” (Xavier, 2013: 149).

Ao longo deste trabalho fez-se referência a um inquérito, que passámos aos professores do 1º CEB do AEVNP, com o intuito de sabermos qual o uso que estes docentes fazem das gramáticas e como são preparadas as suas aulas de gramática. Constatou-se que a generalidade faz uso das gramáticas para preparação das suas aulas. Os professores que as usam, na sua sala de aula, dão-lhe grande importância e consultam outras gramáticas para a preparação das suas aulas, os que não as adotaram, para a sua turma, consultam pouco as gramáticas. Porém, todos seguem muitas vezes o manual adotado e materiais de pesquisa na Internet. Estes aspetos podem encontrar-se relacionados com o que já mencionámos: atualmente os manuais escolares possuem capítulos destinados à gramática, com fichas de trabalho incluídas e explicações sobre os assuntos em estudo, o que faz com que o professor siga o manual, não sentindo necessidade de recorrer às gramáticas.

Numa breve conclusão, reforçamos, mais uma vez, a ideia de que a preparação das aulas de gramática devem ser contextualizadas, combinadas sempre com várias metodologias e serem de acordo com os interesses e a faixa etária dos alunos. Desta forma multifacetada, os alunos têm oportunidade de interpretar e formular enunciados corretamente, trabalhando, assim, as competências linguísticas. Perante isto, “convém sintetizar que a pertinência do estudo da gramática só se justifica se se fizer dos nossos alunos melhores ouvintes e oradores, melhores leitores e escreventes de português” (Xavier, 2013: 154).

Com este trabalho, gostaríamos que, no futuro, as gramáticas para os alunos do 1º CEB fossem manuais com conceitos gramaticais inseridos num contexto, com explicações concretas, que tivessem exercícios variados, que levassem o aluno a resolvê-los pela descoberta, de forma a que perante situações novas soubesse aplicar o que aprendeu.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **1. Ativa**

Amorim, Clara, Costa, Vera (2009). *Aprender a Gramática 4. Gramática Prática da Língua Portuguesa- 4º Ano*. Areal Editores. Porto.

Amorim, Clara, Costa, Vera, (2012). *1º Ciclo do Ensino Básico. À Descoberta da Gramática*. Areal Editores. Porto.

Costa, Leonel M. (2012). *A minha Gramática*. Editora Educação Nacional. Vila Nova de Gaia.

Dinis, Conceição, Ferreira Luís (2011). *Super Gramática. 1º Ciclo do Ensino Básico*. Porto Editora. Porto.

Espinha, Maria Paula, Fonseca, Irenes Vieira (2011). *Segredos da Gramática. 1º Ciclo do Ensino Básico 3º e 4º anos*. Lisboa Editora. Lisboa.

Franco, Cláudia, Grácio, João (2012). *A minha primeira Gramática 1º Ciclo*. Gailivro. Vila Nova de Gaia.

Rocha, Alberta, Lago, Carla do, (2011). *Escolar Gramática 1º Ciclo*. Texto. Lisboa

.

## 2. Passiva

AA. VV (1977) *Atas – 1º Encontro Nacional para a Investigação e Ensino do Português*. Centro Linguístico da Universidade de Lisboa. Lisboa.

Buescu, Helena C. et al. (2012). *Metas Curriculares de Português Ensino Básico, 1º, 2º e 3º Ciclos*. Ministério da Educação. Lisboa. [http://www.portugal.gov.pt/media/675639/portugu\\_s.pdf](http://www.portugal.gov.pt/media/675639/portugu_s.pdf). (acedido em 27 de fevereiro de 2013).

Buescu, Maria Leonor Carvalhão (1978). *Gramáticos Portugueses do Século XVI*. Biblioteca Breve Instituto da Cultura Portuguesa. Lisboa.

Cardeira, Esperança (2006). *O Essencial sobre a História do Português*. Editorial Caminho. Lisboa.

Correia, Margarida, Lemos, Lúcia (2009). *Inovação Lexical em Português*. Edições Colibri. Lisboa.

Costa, João et al. (2011). *Guião de implementação do programa de português do ensino básico: Conhecimento Explícito da Língua*. Ministério da Educação/ DGIDC. Lisboa.

Coutinho, Ismael de Lima (1976). *Pontos de Gramática Histórica*. Ao Livro Técnico. Rio de Janeiro.



Cunha, Celso, Cintra, Luís F. Lindley (1992). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Edições João Sá da Costa. Lisboa.

Duarte, Inês (2010). “Mudam-se os tempos, muda-se a gramática”, in Brito, Ana Maria et al. *História, Teorias, Aplicações*. Fundação da Universidade de Porto/Faculdades de Letras. Porto, pp. 11-26, em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8300.pdf> (acedido em 13 de setembro de 2013).

Duarte, Inês (2008). *Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Lexical*. Ministério da Educação /DGIDC. Lisboa.

Duarte, Inês (2008). *Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Linguística*. Ministério da Educação /DGIDC. Lisboa.

Duarte, Regina et al, (2008). “Programa de Língua Portuguesa /Português: uma visão diacrónica”. Ministério da Educação. Lisboa.  
[www.dgidec.min-edu.pt/.../visao\\_diacronica\\_programas\\_seminario.Pdf-Abode\\_Reader](http://www.dgidec.min-edu.pt/.../visao_diacronica_programas_seminario.Pdf-Abode_Reader), (acedido em: 26 de março de 2013).

Genouvrier, Emile & Peytard, Jean (1974). *Linguística e Ensino do Português*. Livraria Almedina, Coimbra.

Huber, Joseph (1986). *Gramática do Português Antigo*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Junior, Joaquim Mattoso Camara (1976). *Estrutura da Língua Portuguesa*. Editora Vozes. Petrópolis, RJ.

Lobato, Monteiro (s/d). *Emília no País da Gramática*. Circulo do livro. São Paulo. in <http://pt.scribd.com/doc/6776563/Monteiro-Lobato-1934-Emilia-No-Pais-Da-Gramatica> (acedido em: 31 de julho 2013).

Mateus, Maria Helena Mira et al. (1990). *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Universidade Aberta. Lisboa.

Mateus, Maria Helena Mira et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Caminho. Lisboa.

Mateus, Maria Helena Mira, Carneira, Esperança (2007). *O Essencial sobre a Língua Portuguesa. Norma e Variação*. Caminho. Lisboa.

Ministério da Educação. Dicionário Terminológico: disponível em : <http://dt.dgid.min-deu.pt/>. (acedido em 8 de julho de 2013).

Moreira, Vasco, Pimenta, Hilário (2012). *Gramática de Português 3º Ciclo do Ensino Básico/ Ensino Secundário*. Porto Editora. Porto.

Nascimento, Zacarias Santos, Lopes, Maria do Céu Vieira (2011). *Domínios Gramática*. Plátanos Editora. Lisboa.

Nery, Júlia (1993). *Na Casa da Língua Moram as Palavras*. Edições Asa. Porto.

Pacheco, Bernardino (2012). *Acordo Ortográfico- Ensino Básico*. Book. it. Matosinhos.

Pinto, Paulo Feytor (2009). *Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*. Imprensa Nacional – Casa da Nacional. Lisboa.

Pires, Natália Albino (2012). “Inferindo o conhecimento linguístico de crianças do 1º CEB a partir das suas produções textuais”. *Exedra*, nº6, pp. 309-320, em:  
<http://www.exedrajournal.com/exedrajournal/wpcontent/uploads/2013/01/25-numero-tematico-2012.pdf>. (acedido em : 12 de agosto de 2013).

Rebelo, Ilda & Osório, Paulo (2007). “Contribuições para uma descrição semântica do verbo “ficar”: o que os manuais de Português Língua Estrangeira (PLE) não dizem”. *Domínios de Linguagem*. Revista Eletrónica de Linguística. Ano 1, nº1- 1º Semestre de 2007, em :  
<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11398/6685>, (acedido em: 8 de agosto de 2013).

Reis, Carlos, Adragão, José Victor (1992). *Didática do Português*. Universidade Aberta. Lisboa.

Reis, Carlos et al (2009). *Programa do Português do Ensino Básico*. Ministério da Educação. Lisboa.  
<http://www.dgidec.minedu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=47>, (acedido em: 30 de novembro de 2012).

Resende, Maria Ângela. (1986). *A Gramática e a Aula de Português*. Plátano Editora. Lisboa.

Teyssier Paul. (1984). *História da Língua Portuguesa*. Livraria Sá da Costa Editora. Lisboa.

Travaglia, L. (200). *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. Cortez. São Paulo.

Viaro, Mário Eduardo. (2004). *Por trás das palavras. Manual de Etimologia do Português*. Editora Globo. São Paulo.

Xavier, Lola Geraldes. (2011). “Notas sobre o conhecimento explícito nos atuais programas de português do ensino básico”. *Interfaces*, volume 2, nº2, pp. 31- 43, em :

[http://revistas.unicentro.br/index.php/revista\\_interfaces/article/viewFile/1435/1382](http://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/viewFile/1435/1382), (acedido em 30 de junho de 2013).

Xavier, Lola Geraldes. (2013). “Ensinar e aprender gramática: algumas abordagens possíveis”. *Exedra*, nº 7, pp. 146-158, em:

<http://www.exedrajournal.com/wp-content/uploads/2013/07/13EF.pdf>.  
(acedido em 30 de julho de 2013).

## **ANEXOS**

Neste espaço serão apresentados todos os materiais utilizados ao longo do trabalho e que contribuíram para o seu desenvolvimento.



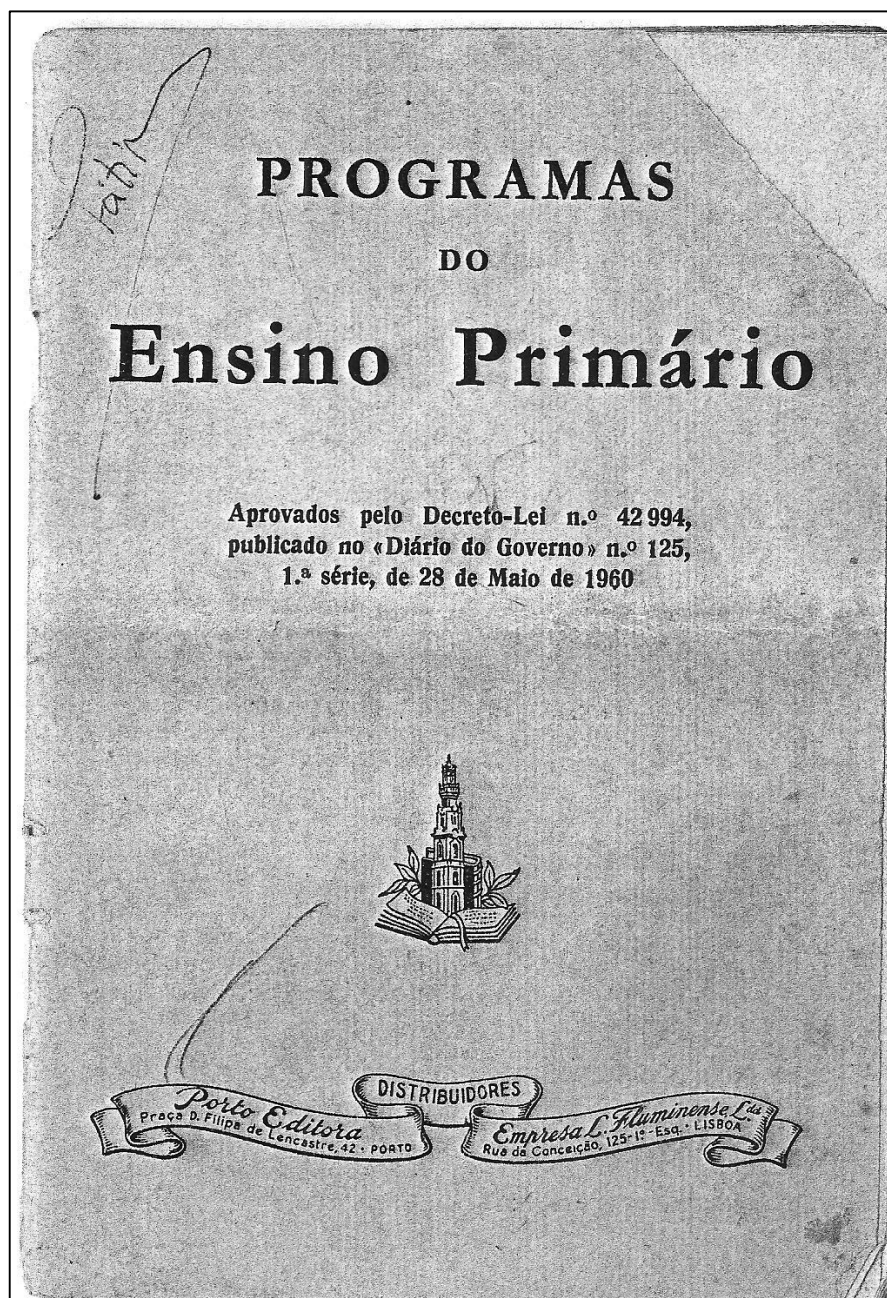
## Índice de Anexos

Anexo I- Capa do Programa do Ensino Básico- 1960 .....	93
Anexo II- Programa de Português da década de 60 .....	94
Anexo II- Programa de Português da década de 60 (cont.) .....	95
Anexo III- Questionário aos professores do AEVNP .....	96
Anexo IV- Gramáticas adotadas pelos professores do AEVNP .....	99
Anexo V- Identificação de todas as gramáticas analisadas .....	100
Anexo VI – Grelha para análise das gramáticas .....	101
Anexo VII- Apresentação do tema na <i>Escolar Gramática</i> .....	104
Anexo VIII- Apresentação do tema na <i>A minha primeira Gramática</i> ..	105
Anexo IX- Apresentação do tema em <i>Segredos da Gramática</i> .....	106
Anexo X – Apresentação da palavra simples e da palavra complexa em <i>A minha Gramática</i> .....	107
Anexo XI- Apresentação da composição de palavras em <i>Super Gramática</i> .....	108
Anexo XII- Apresentação do tema da derivação na <i>À Descoberta da Gramática</i> .....	109
Anexo XIII- Apresentação do tema da derivação e da composição em <i>Aprender Gramática 4</i> .....	110

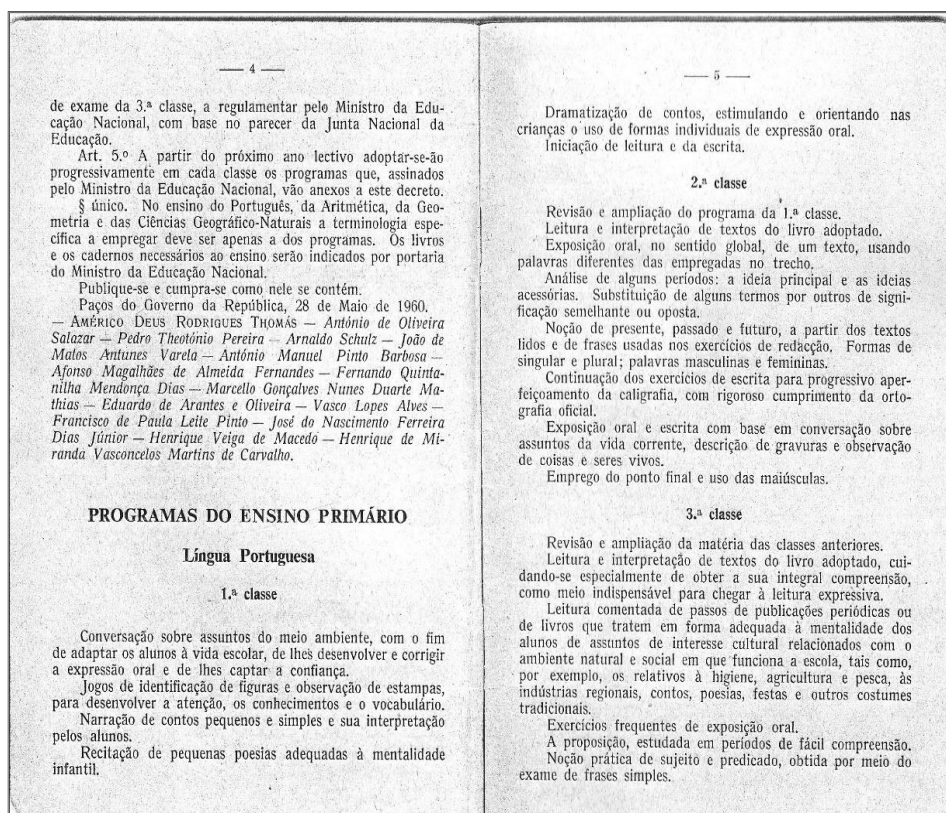
Anexo XIV- Explicação da composição de palavras em <i>Escolar Gramática</i> .....	111
Anexo XV- Explicação de radical, prefixo e sufixo em <i>Segredos da Gramática</i> .....	112
Anexo XVI- Explicação do significado de alguns sufixos na <i>Super Gramática</i> .....	113
Anexo XVII- Exercícios de <i>A minha primeira Gramática</i> .....	114
Anexo XVIII- Exercícios de <i>A minha Gramática</i> .....	115
Anexo XIX- Exercícios da <i>Super Gramática</i> .....	116
Anexo XX- Ficha de avaliação da <i>Super Gramática</i> .....	117
Anexo XXI- Exercícios em <i>À Descoberta da Gramática</i> .....	118
Anexo XXII- Exercícios em <i>Aprender a Gramática 4</i> .....	119
Anexo XXIII- Exercícios em <i>Aprender a Gramática 4</i> .....	121
Anexo XXIV- Exercícios na <i>Super Gramática</i> .....	122



Anexo I- Capa dos Programas do Ensino Primário – 1960



## Anexo II – Programa de Português da década de 60



## Anexo II – Programa de Português da década de 60 (continuação)

— 6 —

Exercícios de flexão nominal (números, géneros), de flexão pronominal e de flexão verbal (números, pessoas, tempos, modos) por meio de frases de sentido completo.

Exercícios de divisão silábica: sílaba tónica e átona.

Continuação dos exercícios de escrita para progressivo aperfeiçoamento da caligrafia, com rigoroso cumprimento da ortografia oficial.

Redacção sobre assuntos da vida escolar e social, tendo como finalidade a síntese ou esclarecimento de ideias e a sua ordenação lógica, e sobre assuntos que fomentem em justa medida a sensibilidade e a imaginação do aluno.

### 4.ª classe

Revisão e ampliação do programa das classes anteriores.

Leitura de textos em prosa e verso do livro adoptado e sua interpretação global e parcial.

Leitura comentada de passagens de publicações periódicas ou de livros que tratem em forma adequada à mentalidade, idade e sexo dos alunos de assuntos de interesse cultural relacionados com o ambiente natural e social em que funciona a escola, e em especial os relativos à história e tradições locais.

Desenvolvimento do vocabulário pelo uso de sinónimos e antónimos de vocábulos encontrados na leitura.

Determinação de famílias de palavras. Exercícios frequentes de exposição oral.

Divisão dos períodos em proposições. Ideia de oração principal. Análise da proposição: o sujeito, o predicado, o nome predicativo do sujeito e o complemento directo. Distinção prática dos tempos dos verbos.

Noções elementares de morfologia: substantivo, adjectivo, artigo, pronome, numeral, verbo, advérbio; substantivo próprio, comum e colectivo. Verificação prática dos graus dos adjectivos. O singular e o plural, o masculino e o feminino dos substantivos e dos adjectivos. Numerais: cardinais e ordinais.

Noções elementares de fonologia: a palavra e a sílaba; classificação das palavras quanto à posição da sílaba tónica; sinais de acentuação gráfica.

Continuação dos exercícios de escrita, para progressivo aperfeiçoamento da caligrafia e sempre com rigoroso cumprimento da ortografia oficial.

### Anexo III – Questionários aos Professores do AEVNP



Mestrado em Didática da Língua Portuguesa

---

#### Questionário

Este questionário destina-se aos professores do 1º Ciclo do Ensino Básico, do Agrupamento de Escolas de Vila Nova de Poiares. Surge no âmbito de um trabalho sobre a análise de gramáticas para o 1º Ciclo, para o tema “A Formação de Palavras”. Pretende-se com este inquérito investigar quais os materiais que os docentes usam na sua prática pedagógica, em especial para a abordagem do Conhecimento Explícito da Língua (CEL).

O presente questionário contém duas partes. A parte I refere-se a informações pessoais importantes para a caracterização da amostra e a parte II refere-se a informações concretas, relacionada com o uso de gramáticas ou outros instrumentos que os professores usam, na preparação das suas aulas de gramática / CEL.

Os resultados deste questionário serão usados na fundamentação de um trabalho realizado no âmbito do trabalho de projeto, integrado no segundo ano do mestrado em “Didática da Língua Portuguesa”. Não existem respostas certas ou erradas. Todas as opiniões são válidas e garante-se a sua confidencialidade.

Obrigada pela colaboração.

A professora,  
Maria de Lurdes Trindade

novembro 2012

## I-Dados Pessoais

### 1. Idade:

20 – 25 ☐

26 – 30 ☐

31 – 35 ☐

36 – 40 ☐

41 – 45 ☐

46 – 50 ☐

> 50 ☐

### 2. Tempo de serviço docente (em anos):

0 – 5 ☐

0 – 10 ☐

11 – 15 ☐

16 – 20 ☐

21 – 25 ☐

26 – 30 ☐

> 30 ☐

### 3. Formação Académica:

Bacharelato ☐

Licenciatura ☐

Mestrado ☐

Outra ☐

Indique qual: \_\_\_\_\_

## II- Como prepara as suas aulas de gramática / CEL

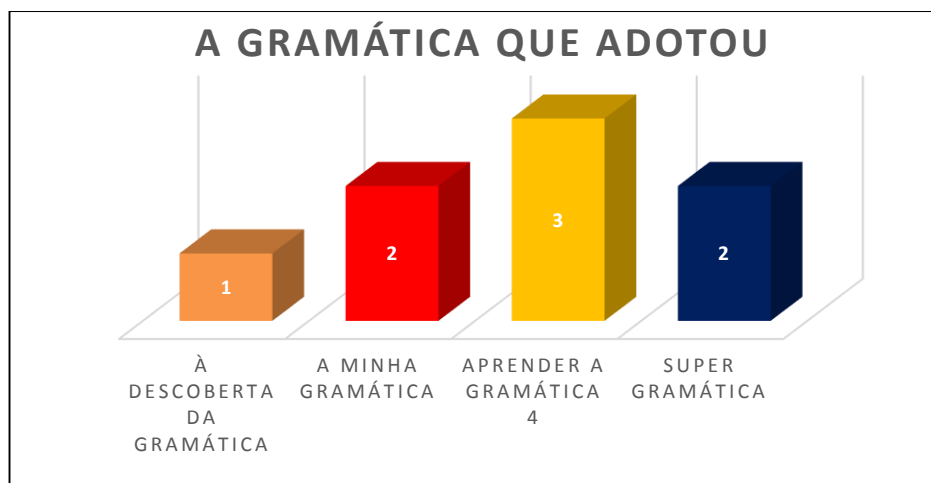
De **1** a **4** responda colocando **X**, nas opções que estão de acordo com a sua prática pedagógica, sendo que a escala é de: **1** (nunca), **2** (raramente), **3** (às vezes) e **4** (com frequência).

1. Indique quais os materiais que usa para preparar as suas aulas de gramática/CEL:

	1	2	3	4
1.1. A gramática que adotou. Qual? _____				
1.2. O manual adotado pela escola.				
1.3. Outras gramáticas do 1º CEB.				
1.4. Materiais do PNEP.				
1.5. Pesquisa na Internet.				
1.6. Outros. Quais? _____				

Obrigada pela sua colaboração!

**Anexo IV- Gramáticas adotadas pelos professores do AEVNP**



**Anexo V- Identificação de todas as gramáticas analisadas**

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano de edição</b>	<b>ISBN</b>
<i>Escolar Gramática</i>	Alberta Rocha Carla do Iago	<b>Texto</b>	<b>2011</b>	9789724744360
<i>A minha primeira Gramática</i>	Cláudia Franco João Grácio	<b>Gailivro</b>	<b>2012</b>	9789893200544
<i>Segredos da Gramática</i>	M <sup>a</sup> Paula Espinha Irene Vieira Fonseca	<b>Lisboa Editora</b>	<b>2011</b>	9789726808565
<i>A minha Gramática</i>	Leonel M. Costa	<b>Educação Nacional</b>	<b>2012</b>	9789726596288
<i>Super Gramática</i>	Conceição Dinis Luís Ferreira	<b>Porto Editora</b>	<b>2011</b>	9789720110107
<i>À Descoberta da Gramática</i>	Clara Amorim Vera Costa	<b>Areal Editores</b>	<b>2012</b>	9789896475697
<i>Aprender a Gramática 4</i>	Clara Amorim Vera Costa	<b>Areal Editores</b>	<b>2009</b>	9789896470883



## Anexo VI – Grelha para a análise das gramáticas

Gramática	Apresentação do tema	Explicação do tema	Tipo de exercício	Número de exercícios	Número de páginas
<b>Escolar Gramática</b>	Através de bandas desenhadas é introduzida a palavra simples e complexa; formação de palavras, por derivação e por composição.	A explicação do tema é feita através das palavras das bandas desenhadas. Há definições com exemplos, para cada assunto.	Completar quadros; sublinhar palavras simples e complexas; partir de uma palavra; formar adjetivos por sufixação.	11	4
<b>A minha Primeira gramática- 1º ciclo</b>	Partindo de um texto muito simples, em diálogo, retirado do livro: “Vou dar pontapés na lua” de Maria Isabel Moura. Este servirá também de contexto para a realização de exercícios.	No final de cada conteúdo há uma conclusão, que contém, definições do que são: palavras simples e complexas; a formação de palavras por: derivação e por composição.	Exercícios de escolha múltipla; Através de palavras dadas, para separar o radical, o prefixo e o sufixo. Completar um quadro sobre a derivação e a composição de palavras.	7	2
<b>Segredos da Gramática</b>	Surge através de uma parte teórica, apresentando palavras para os seguintes exemplos: palavra simples e complexa; formação de palavras por derivação e por composição.	Numa página, aparecem dois quadros, em que há no primeiro uma explicação sobre a palavra simples e complexa. No segundo quadro há uma exposição relativa a: radical, prefixo e sufixo.	Formar palavras por derivação com o prefixo <des-> e com o sufixo <-or>.	2	3

Gramática	Apresentação do tema	Explicação do tema	Tipo de exercício	Número de exercícios	Número de páginas
<i><b>À Descoberta da Gramática</b></i>	Partindo de um poema com palavras a negrito, dá-se a introdução da prefixação e da sufixação.	Através das palavras apresentadas, o aluno tem de identificar: prefixo e sufixo. Num quadro há a explicação, para a derivação por prefixação e sufixação. Noutro quadro há uma breve exposição sobre o que são palavras complexas.	Sublinhar e identificar o elemento comum em três palavras (radical). Distinguir em palavras o prefixo do sufixo. Com palavras dadas, prefixos e sufixos, o aluno terá de formar novas palavras.	5	2
<i><b>Aprender a Gramática 4</b></i>	Apresentação de dois grupos de palavras. Um dos grupos tem a palavra base e um sufixo; o outro grupo tem uma palavra base e um prefixo. Noutra parte, da gramática, aparecem palavras complexas formadas por combinação de radicais ou unidas por um hífen.	A explicação do tema processa-se através das palavras dadas e de definições sobre a prefixação e a sufixação. Em relação às palavras complexas, por composição, há vários exemplos de palavras combinadas através de radicais, de palavras ou unidas por hífen.	Identificar em palavras dadas a base da palavra. Completar quadros, formando palavras derivadas por prefixação ou sufixação. Sublinhar as palavras complexas de frases dadas. Assinalar com uma cruz se as palavras são derivadas ou compostas.	17	3


Gramática	Apresentação do tema	Explicação do tema	Tipo de exercício	Número de exercícios	Número de páginas
<b>A Minha Gramática</b>	Surge com a apresentação de três imagens, para introdução da palavra simples e complexa; Para a derivação por composição, surge outra imagem sobre a previsão meteorológica.	Das palavras dadas há uma explicação sobre a palavra simples e a palavra complexa. Existe ainda uma alusão à formação de palavras por: prefixação, sufixação e parassíntese. E no fim uma definição sobre a composição de palavras.	Sublinhar em frases as palavras complexas. Copiar as palavras sublinhadas, circundando a vermelho os prefixos e a verde os sufixos. Juntar palavras, para formar palavras complexas, por composição.	3	2
<b>Super Gramática</b>	Partindo de um poema, inédito, com o título “A água”, é feita a introdução de palavra simples e complexa. Sobre a formação de palavras por derivação, aparece a palavra simples, igual, à qual se junta um prefixo e um sufixo Na composição de palavras são apresentadas duas imagens, uma para arroz-doce e outra para radicativo.	Com as palavras do poema é feita a explicação do que é um radical e a diferença entre palavra simples e complexa. Na parte da formação de palavras há uma definição para prefixação e sufixação. Sobre a composição de palavras há referência às palavras com hífen e sem o uso deste.	Formar palavras complexas por derivação, para duas imagens. Escrever o radical, o prefixo e o sufixo de uma palavra. Sublinhar palavras derivadas. De palavras que são nomes comuns, o aluno tem de formar verbos ou adjetivos. Através de palavras dadas os alunos terão de formar palavras por composição.	11	4


**Anexo VII- Apresentação do tema na *Escolar Gramática*,  
Rocha & Lago, 2011, pp. 100 e 102**


V – A PALAVRA

## 2. FORMAÇÃO DE PALAVRAS

### 2.1 Por derivação: prefixação, sufixação e parassíntese

 **Observa com atenção**




 **Vê se sabes**


1. Copia da situação anterior três palavras complexas.

\_\_\_\_\_

V – A PALAVRA

## 2.2 Por composição

 **Observa com atenção**



Anexo VIII- Apresentação do tema em *A minha primeira Gramática*,

Franco &amp; Grácio, 2012, p. 43



Lê

## O pirilampo

- Olha! Olha! Que engraçado! As estrelas caíram do céu e andam a brincar no jardim!
- Onde? Onde?
- Olha, ali mesmo, junto à roseira! Não sejas impaciente.
- Ah! Já vi. Eu sei o que é, eu sei o que é!
- E então? Não são estrelas?!
- Não, não são estrelas. É um bichinho, pequenino, que anda a voar.
- E como se chama o teu bichinho?
- Pirilampo. Chama-se pirilampo. Não é um nome bonito?
- Pirilampo... gosto. Gosto do nome. E como é que ele faz para ser brilhante como as estrelas? Anda com uma lanterna cor de laranja nas patas?
- Não sei... nunca apanhei nenhum.

Maria Isabel Moura,  
*Vou dar pontapés na lua*,  
 1ª edição, Edições Afrontamento, 2004 (excerto adaptado)



## Verifica

1. No texto que leste existem várias palavras complexas.

1.1 Segue o exemplo e assinala com X mais três palavras complexas do texto.

roseira ☒

nome ☐

brilhante ☐

céu ☐

impaciente ☐

estrela ☐

1.2 Completa com as palavras que assinalaste no exercício anterior. Observa o exemplo.

roseira = rosa + eira

**Anexo IX- Apresentação do tema em *Segredos da Gramática*,  
Espinha & Fonseca, 2011, p. 80**



80

Pensa na palavra *estrela*. E agora pensa na palavra *estrela-do-mar*.

Não são a mesma coisa, pois não?

**Claro que já percebeste!**

As palavras *amor-perfeito* e *estrela-do-mar* são **palavras complexas**, **compostas**, respetivamente, pelas palavras *amor* e *estrela*, às quais se juntaram outras, formando novas palavras, por **composição**.


Então, há palavras complexas formadas por **derivação** (*arvoredo*, *pereira*, *desconforto*, *desconfortável*) e por **composição** (*amor-perfeito*, *estrela-do-mar*, *couve-flor*)

**Anexo X – Apresentação da palavra simples e complexas em  
*A minha Gramática*, Leonel Costa, 2012, p. 72**




**Anexo XI- Apresentação do tema da composição de palavras em  
*Super Gramática*, Dinis & Ferreira, 2011, p. 20**

**COMPOSIÇÃO**



arroz-doce



radioativo

Podem formar-se palavras complexas através da união de radicais ou formas de base existentes. A este processo de formação de palavras chamamos **composição**.

arroz

doce

arroz-doce

rádio

ativo


radioativo

- Algumas palavras formadas por **composição** têm um significado diferente de cada uma das palavras que lhes deram origem.

Ex.: *aguardente* (água + ardente)      *girassol* (gira + sol)



**Anexo XII – Apresentação do tema da derivação na *À Descoberta da Gramática*, Amorim & Costa, 2012, p. 163**



Como descobriste, podemos formar novas palavras através da junção de afixos (ex: *infeliz* = *in* + *feliz*). A este processo chama-se **derivação**.

De acordo com a posição do afixo, a derivação pode ser:

**Derivação**

- por prefixação:** o prefixo encontra-se à esquerda da base:  
ex: *desmentir*, *repor*, *injusto*
- por sufixação:** o sufixo encontra-se à direita da base:  
ex: *sagazmente*, *dinamarquês*, *carinhoso*

As palavras que são formadas por derivação chamam-se **palavras complexas**.

**Anexo XIII – Apresentação do tema da derivação e da composição  
em Aprender Gramática 4, Amorim & Costa, 2009, pp. 69 e 73**

**PALAVRAS COMPLEXAS: DERIVAÇÃO**

Observa os dois grupos de palavras:

leiteiro      barbeiro  
livreiro

As palavras *leiteiro*, *livreiro* e *barbeiro* são palavras formadas a partir de outras. Ora repara:

**Base + sufixo = palavra complexa**

leit(e) + eiro = leiteiro  
livr(o) + eiro = livreiro  
barb(a) + eiro = barbeiro


insatisfeito      incapaz      infeliz

As palavras *insatisfeito*, *incapaz* e *infeliz* são palavras formadas a partir de outras. Ora repara:

**Prefixo + Base = palavra complexa**

in + satisfeito = insatisfeito  
in + capaz = incapaz  
in + feliz = infeliz

Como observaste, podemos formar novas palavras acrescentando **afixos** (prefixos ou sufixos) a outras palavras. Este processo de formação de palavras chama-se **derivação**.



**Derivação**


**por prefixação:** junta-se um prefixo à esquerda de uma base (ex.: *incapaz*)

**por sufixação:** junta-se um sufixo à direita de uma base (ex.: *livreiro*)

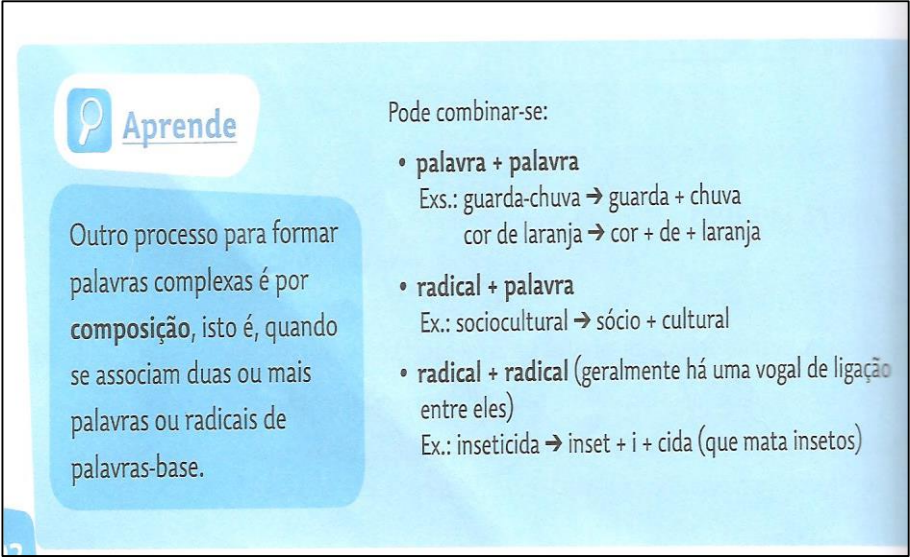
**PALAVRAS COMPLEXAS: COMPOSIÇÃO**

Algumas **palavras complexas** são formadas através da combinação de radicais ou palavras, muitas vezes unidos por hífen:

guarda-jóias	azul-claro	luso-brasileiro
ortopedista	guarda-redes	surdo-mudo
autor-compositor	hipódromo	beija-flor
novo-rico	peixe-espada	sambódromo



**Anexo XIV- Explicação da composição de palavras em *Escolar Gramática*,  
Rocha & Lago, 2011, p. 102**



**Aprende**

Outro processo para formar palavras complexas é por **composição**, isto é, quando se associam duas ou mais palavras ou radicais de palavras-base.


Pode combinar-se:

- **palavra + palavra**  
Exs.: guarda-chuva → guarda + chuva  
cor de laranja → cor + de + laranja
- **radical + palavra**  
Ex.: sociocultural → sócio + cultural
- **radical + radical** (geralmente há uma vogal de ligação entre eles)  
Ex.: inseticida → inset + i + cida (que mata insetos)

**Anexo XV- Explicação de radical, prefixo e sufixo em *Segredos da Gramática*, Espinha & Fonseca, 2011, p. 81**

**Queres ver?**

Radical, prefixo e sufixo	
<b>Radical</b>	Forma de base de uma palavra que contém significado, a que se acrescentam prefixos e/ou sufixos para formar novas palavras da mesma família.
<b>Prefixo</b>	Elemento que se junta <b>à esquerda</b> de um radical e lhe modifica o significado. Ex.: <i>des</i> interesse, <i>inf</i> elicidade, <i>ref</i> orço
<b>Sufixo</b>	Elemento que se junta <b>à direita</b> de um radical e que lhe modifica o significado. Ex.: casa <i>mento</i> , arvore <i>do</i> , pereira <i>or</i> , cant <i>or</i>



**Anexo XVI- Explicação do significado de alguns sufixos na *Super Gramática*, Dinis & Ferreira, 2011, p. 19**

2. Observa o quadro e verifica o significado dos sufixos assinalados.

Sufixo	Significado	Exemplos
-dade -eza	estado ou qualidade	cruel <b>dade</b> (qualidade do que é cruel) firme <b>za</b>
-mento -agem	ação ou resultado dela	casam <b>ento</b> (ação de casar) lav <b>agem</b> (ação de lavar)
-eiro; -ista	profissão / ocupação	ferre <b>iro</b> ; jornal <b>ista</b>
-or	agente, instrumento da ação	jogad <b>or</b> ; aspirad <b>or</b>
-ês; -ense; -ano	naturalidade	portugu <b>ês</b> ; madeire <b>ense</b> ; angol <b>ano</b>
-al; -ada	coleção	pinh <b>al</b> ; passar <b>ada</b>
-ão; -zarrão	aumentativo	port <b>ão</b> ; homen <b>zarrão</b>
-inho; -ico; -ito	diminutivo	rapaz <b>inho</b> ; burr <b>ico</b> ; gat <b>ito</b>

**Anexo XVII- Exercícios de *A minha primeira Gramática*,  
Franco & Grácio, 2012, p. 44**



**Aplica**

1. Completa a tabela, como no exemplo.

Palavra	Derivação			Composição
	prefixação	sufixação	prefixação e sufixação	
sapateiro		X		
desfazer				
democracia				
pentear				
despenteado				

**Anexo XVIII- Exercícios de *A minha Gramática*,**


**Leonel Costa, 2012, p. 73**


**Exercícios**

- 1 Lê as frases e sublinha as palavras complexas.  
O João reescreveu o texto integralmente.  
O velhote foi ao barbeiro desfazer a barba.  
Infelizmente, a bicicleta de ferro ganhou ferrugem.  
O visconde reordenou a saída injusta dos habitantes.
  - 2 Copia as palavras que sublinhaste e circunda, de vermelho, os prefixos e, de verde
- 
- 3 Completa, de modo a formares uma palavra complexa por composição.  
semi + reta = \_\_\_\_\_ pré + escola = \_\_\_\_\_  
ponta + pé = \_\_\_\_\_ guarda + sol = \_\_\_\_\_  
couve + flor = \_\_\_\_\_ tri + gémeo = \_\_\_\_\_

**Anexo XIX - Exercícios da *Super Gramática*,  
Dinis & Ferreira, 2011, pp. 18-19**

1. Escreve palavras complexas a partir das seguintes palavras simples:

  
carro

  
casa

2. Sublinha no provérbio as palavras derivadas.  
*Quem tem telhados de vidro não deve atirar pedradas aos dos outros!*

3. Escreve o radical, o prefixo e o sufixo que constituem a palavra *empedrar*.  
radical \_\_\_\_\_ prefixo \_\_\_\_\_ sufixo \_\_\_\_\_

4. Forma verbos ou adjetivos a partir dos seguintes nomes.  
Observa o exemplo.

esqui <u>esquiar</u>	veneno _____
agrado _____	amor _____
apito _____	conforto _____

19



Anexo XX- Ficha de avaliação da *Super Gramática*,

Dinis &amp; Ferreira, 2011, p. 21

**1** Observa as palavras e indica quais são as palavras simples e quais são as palavras complexas.

barco	_____	pescador	_____	pesca	_____
arenoso	_____	sol	_____	planta	_____

**2** Completa a frase com as palavras *sufixo* ou *prefixo*.

Podemos formar *palavras complexas* acrescentando um \_\_\_\_\_ (no início da palavra), ou um \_\_\_\_\_ (no fim da palavra), ou um \_\_\_\_\_ e um \_\_\_\_\_ ao mesmo tempo.

**3** Forma palavras complexas com os sufixos seguintes:

-mento	-or	-ada	-inha	-ão	-ear
casa	_____	cama	_____	pedra	_____
canto	_____	ponto	_____	porta	_____

**4** Escreve palavras derivadas das seguintes, acrescentando-lhes, ao mesmo tempo, um prefixo e um sufixo.

valor \_\_\_\_\_ rico \_\_\_\_\_

**5** Descobre qual é a palavra composta formada com a palavra *tira* e a palavra *olhos*. Escreve o seu significado.

\_\_\_\_\_

**Anexo XXI- Exercícios em À Descoberta da Gramática,**

**Amorim & Costa, 2012, p. 163**

**Aplico...**

- Formo novas palavras recorrendo aos prefixos e sufixos dados.  
(À frente de cada afixo, encontra o seu significado).

Escrever	_____
Barba	_____
Eterno	_____
Classe	_____
Velho	_____
Interesse	_____
Herói	_____
Ferro	_____
Conde	_____

des-	(ação contrária)
-ugem	(quantidade)
re-	(repetição)
-ismo	(comportamento)
sub-	(posição inferior)
-eiro	(profissão)
-idade	(qualidade)
-ice	(qualidade)
vis-	(subalternidade)

**Anexo XXII- Exercícios sobre a derivação em *Aprender a Gramática 4*, Amorim & Costa, 2009, pp. 70-71**

**2. Formo palavras derivadas juntando os sufixos dados à base.**

a) **-aria** (significa: actividade, negócio)

Base – nome	Palavra derivada – nome
Leite	<i>Leitaria</i>
Pastel	.....
Sapato	.....
Peixe	.....
Fruta	.....

b) **-mento** (significa: acção ou resultado da acção)

Base – verbo	Palavra derivada – nome
Casar	<i>Casamento</i>
Crescer	.....
Encantar	.....
Acasalar	.....
Isolar	.....

c) **-or; -dor** (significa: pessoa que pratica a acção)

Base – verbo	Palavra derivada – nome
Jogar	<i>Jogador</i>
Cantar	.....
Semear	.....
Controlar	.....
Trabalhar	.....

d) **-oso** (significa: qualidade, propriedade)

Base – nome	Palavra derivada – adjetivo
Mel	<i>Meloso</i>
Gosto	.....
Amor	.....
Gordura	.....
Pântano	.....

e) **-vel** (significa: propriedade)

Base – verbo	Palavra derivada – adjetivo
Beber	<i>Bebível</i>
Lavar	
Cantar	
Demonstrar	
Solucionar	

f) **-eza** (significa: qualidade)

Base – adjetivo	Palavra derivada – nome
Firme	<i>Firmeza</i>
Delicado	
Belo	
Lindo	
Real	

g) **-mente** (significa: modo)

Base – adjetivo	Palavra derivada – advérbio
Rigoroso	<i>Rigorosamente</i>
Firme	
Real	
Considerável	
Contrário	

h) **-ar** (significa: acção)

Base – nome	Palavra derivada – verbo
Baliza	<i>Balizar</i>
Tecla	
Casa	
Remo	
Planta	

**Anexo XXIII- Exercícios sobre derivação e composição em *Aprender a Gramática 4*, Amorim & Costa, 2009, p. 73**

Complete o quadro de acordo com o exemplo.

Palavras complexas	Palavra derivada	Palavra composta
Luso-africano		
Musical		
Autor-compositor		
Homem-rã		
Relojoeiro		
Picapau		
Reencontro		
Abre-latas		
Apanha-bolas		
Incompleto		
Desleal		
Aquarelista		
Sambódromo		X
Aluno-modelo		

**Anexo XXIV- Exercício de composição de palavras em *Super Gramática*, Dinis & Ferreira, 2011, p. 20**

1. Com as palavras ao lado, forma palavras complexas, como no exemplo. Se tiveres dúvidas, consulta um dicionário.

*apara-lápis* \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

contra	artes
papa	despertador
rádio	perfeito
belas	lápiz
amor	formigas
apara	mão